

PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO III • N.º 28 • SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1959 • Cr\$ 5,00

O Congresso dos democratas portugueses

Já chegaram as primeiras palavras de simpatia e de incentivo aos organizadores do Congresso dos Democratas Portugueses, marcado para 31 de Janeiro de 1960, na cidade de São Paulo. Vieram também sugestões, mas o que importa sublinhar, desde já, é que a notícia divulgada por Portugal Democrático teve aonde chegou, a melhor das recepções.

Vamos, pois, promover na Capital Bandeirante um congresso de democratas portugueses. E, efectuando-o numa cidade de tão arraigadas tradições democráticas e tão próxima, pelo passado e pelo presente, de todos os portugueses, lamentamos no entanto que tal manifestação não possa realizar-se em território português.

A prova de que um congresso como o que preparamos vem ao encontro das aspirações de todos os democratas portugueses, têm-na na solicitação que há poucos meses, foi formulada ao governo do sr. Salazar por alguns dos mais iminentes vultos da inteligência de Portugal. Uma vez mais, porém, o ditador proibiu. E lembramos ainda por outro lado, que não decorreram muitos anos depois que a polícia salazarista tentou impedir, por todos os largos meios de que dispõe, o Congresso de Democratas Portugueses, em Aveiro. Tanto a "gestapo" quanto a inquisição do pseudo chefe da chamada "revolução nacional" usaram de todas as arbitrariedades para impedir que a iniciativa dos democratas portugueses se oferecesse, na Imprensa, o relevo merecido.

Paradoxalmente, é em terra distante de Portugal — mas tão fraternalmente amiga que não a consideramos estrangeira — que vão reunir-se os democratas portugueses espalhados pelos cinco cantos do Mundo, a fim de analisar o passado, discutir o presente e sobretudo, tratar do futuro.

Com efeito, para lá do temário pré-estabelecido, estudar-se-ão no congresso de 31 de Janeiro de 1960, quaisquer problemas que possam interessar ao amanhã da Democracia Portuguesa, ao mesmo tempo que as grandes questões se colocaram já no centro dos debates, desde a Educação e Cultura, à Economia (Comércio, Indústria e Agricultura) e ao Ultramar, passando pela História da República, ou pelo estudo de problemas gerais e importantes como os da Democracia, Liberdade e Direitos do Homem, ou da Comunidade Luso-Brasileira.

Intelectuais da envergadura de um Rodrigues Lapa ou de um Casais Monteiro, por citar apenas estes, oferecem a sua colaboração efectiva ao Congresso dos Democratas Portugueses, assim como os republicanos e liberais de sempre que, no Brasil, vêm conduzindo há longos anos a batalha contra o salazarismo, desde Carneiro Franco a João Sarmento Pimentel e Ricardo Seabra.

Mas é evidente que o congresso incluirá muitos outros nomes ilustres, inúmeros opositores que, não raras vezes, sofreram as agruras das prisões fascistas por se oporem aos desígnios do ditador e dos seus asseclas.

Fez a comissão executiva do Congresso dos Democratas Portugueses seu porta-voz oficial este jornal, dada a sua qualidade de órgão da Resistência contra Salazar. Por isso lembramos que podem e devem colaborar nesta manifestação todos os Democratas Portugueses quer residentes em Portugal ou no Exterior, quer ainda aqueles que, por razões óbvias, não tenham recebido quaisquer outras comunicações ou convites.

PORTUGAL
DEMOCRATICO



Comemorações do "5 de Outubro"

A comissão eleita para tratar dos diferentes problemas relacionados com a reunião comemorativa da gloriosa data de "5 de Outubro" tem continuado as suas diligências, no sentido de dar a esta manifestação um cunho eminentemente popular.

O jantar realizar-se-á no próprio dia 5 de Outubro, às 20,30 horas, "Maison Suisse" (R. Caio Prado, 183). Os convites podem, desde já, ser solicitados a qualquer dos membros da comissão organizadora, ou requisitados na sede da mesma, Rua Conselheiro Furtado, 191, Sala 1, em São Paulo. O custo de cada inscrição é de Cr\$ 400,00.

Para presidir a esta reunião caracterizadamente republicana, foi convidado o sr. General Humberto Delgado; o orador oficial será o sr. dr. Rodrigo de Abreu. Espera-se a comparência de ambos os destacados democratas, se, na altura, ambos puderem deslocar-se à Capital Bandeirante.

Da comissão organizadora do jantar fazem parte a Diretoria do "Centro Republicano Português", assim como os srs. Carlos Neves e Manuel Moura (em representação do jornal "Portugal Democrático"), engs. Carlos Cruz e Jorge Fidelino de Figueiredo e dr. Carneiro Franco, (pelo "Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão") e Joaquim Carvalho e José Guedes, da Associação "Humberto Delgado".

Aqui deixamos o convite a todos os democratas portugueses de São Paulo, e bem assim àqueles que, na oportunidade, possam deslocar-se a esta Capital, ao mesmo tempo que lembramos da conveniência de, urgentemente, se inscreverem para este jantar que, esperamos, reunirá centenas de homens livres que não esquecem a Pátria longínqua e por ela continuam lutando, por todos os meios ao seu alcance.

Antonio Sérgio e a "Labor"

No decorrer de um encontro com os dirigentes da Sociedade Portuguesa de Escritores, o dr. Gustavo Soromenho, advogado do escritor Antonio Sérgio, comunicou, a propósito do abuso de confiança de que foi vítima o autor da "História de Portugal" por parte da "Labor", que a editorial espanhola pagará a Antonio Sérgio uma indenização de 50.000 escudos, ao mesmo tempo que recolherá e destruirá todos os volumes incriminados e em circulação, além de reconhecer publicamente a deformação da obra.

Em diversas oportunidades, "Portugal Democrático" se referiu à indesculpável ação da "Labor". Ao darmos nota, entretanto, de que se fez justiça ao iminente escritor e democrata português, renovamos a Antonio Sérgio a nossa irrestrita solidariedade.

"PORTUGAL DEMOCRATICO"
— um jornal português que não é submetido à censura do sr. Salazar.

A TRÁGICA RESPONSABILIDADE DO DITADOR PORTUGUÊS

Desesperado e sem saída, Oliveira Salazar planeja a entrega de Portugal a Franco

Major LUIS CESARINY CALAFATE

O Jornal "Ultimas Noticias" (31-7-59) de Caracas, publicou um artigo da autoria do major Luis Cesariny Calafate, que, com a devida vênia, reproduzimos.

Como sabem os leitores de "PORTUGAL DEMOCRATICO", o ilustre militar português foi obrigado a pedir asilo político à Venezuela, país onde atualmente se encontra.

E' preciso que o País tenha alcançado o extremo da inquietação e do tédio para que homens de honra e de caráter, que simplesmente aspiram a viver com dignidade, sejam levados às soluções desesperadas que se vêm verificando num número impressionante de casos, que crescem assustadoramente nos últimos tempos.

Nem a família atirada para a miséria, nem a segurança pessoal ameaçada nem a perda da liberdade mais preciosa que a vida, os detém na decisão inabalável de despertarem com o seu sacrifício a consciência nacional adormecida neste resvalar até o abismo que acabará por afogar o país num mar de sangue. A alma angustiada da juventude se debate num sentimento trágico de frustração.

Separações abismais entre Portugueses. De começo, pequenos ressentimentos que à força de recalques, sem uma só oportunidade de desafogo, se transformam em ódios irreparáveis. Afrontas irreparáveis, oriundas do reduto dos poderes, com uma total impunidade, desafiando os vinte séculos de inteligência da raça. O clamor de ambições legítimas que nem as fanfarras da propaganda funcionalizada conseguem encobrir, porque até a aliança do analfabetismo se vai tornando ineficaz à medida em que o cinema, a rádio, a televisão põem as massas ante confrontações elicitivas. O recurso é atitude provinciana de fazer ouvidos de mercador às vozes das verdades eternas — a dignidade humana, os direitos fundamentais do Homem e negação dos "totalitarismos das esquerdas ou das direitas". O silêncio compungido da Igreja, que a dialética do Partido Unido, habituada a interpretar os fatos da maneira que mais lhe convém, considera uma anuência, já que nem o mais engenhoso a estado-novista se atreve a considerá-lo uma demonstração de soberba conveniência. A ofensa pessoal feita ao Brasil e a todas as democracias da América do Sul, com o impertinente desdém pela humanitária lei de asilo político, ousando impedí-las de respeitar compromissos internacionais a que estão ligadas.

Como poderá o hermetismo obstinado de uma ditadura pressentir no asilo político a potencialidade incipiente que, por um caminho suave, contribuirá para a fraternidade entre os povos?

Não! Não é uma forma abusiva de intromissão nos negócios internos de outro país... Só constitui perigo para os governos tirânicos, para cuja extinção a Humanidade tanto sofreu na neotombe da última guerra mundial.

Só os prisioneiros tentam fugir; só num país reduzido a um cárcere é que há fugitivos. Ninguém foge da liberdade!

Junte-se a isto a deformação sistemática da notícia por um complicado e infalível mecanismo de censura, que manobra a opinião pública. Do exterior o único informe que consegue chegar ou é neutro como um eunuco, ou há de ser panegírico de Salazar — e só dêle, porque de ninguém mais se sabe que alguma vez haja sido feito o elogio; nem

do Chefe de Estado, nem de ministro, e muito menos de intelectual ou artista que felizmente não escasseiam a pesar da melancólica obscuridade em que vegetam.

Se há conveniência, encham-se uns "balões" para impressionar. E então a técnica obra prodígios.



Major Luis Cesariny Calafate

Falo pelo que eu mesmo observei: a leitura da admirável Imprensa Venezuelana, durante o longo asilo político, que me dissipou as idéias de agitação a violência que sobre as democracias sul-americanas formava.

Oh! como me agradaria que meus compatriotas vissem a realidade! A compreensão, a fraternidade, a alegria de ser livre, o equilíbrio cívico, e, na política, a dignidade, da função dominando acima das mais diversas correntes partidárias.

— Que os latinos dificilmente se enquadram com o padrão democrático... Impulsividade indole apaixonada, irreverência são antíteses das qualidades exigidas... Mas não acaso os americanos não são idênticos e nêles o temperamento latino não deve elucidativos exemplos de consciência democrática modelar?

Está claro que é mais um flagrante desmentido ao erro das fórmulas rígidas e dos símbolos, de costas voltadas à experiência humana.

Salazar meditou, raciocinou, tornou a meditar e concluiu:

Corporativismo + Raça = Ditadura

E pronto!... Agora é só governar. Isto é, ensinar. E como bom professor mete o país numa aula que dura há 33 anos a ensinar uma matéria que ninguém quer aprender. E para não presenciar o indiferentismo "torpe" da classe, esconde-se e ministra a lição por meios mecânicos.

Pondo de parte a atrofia social e econômica, como foi possível chegar à calamidade presente? Que delírio se apoderou dos responsáveis para que ossem hostilizar a Igreja, o Ultramar, a América do Sul a esmagadora maioria da Nação? Repetir o palavrão: Comunista, comunista, comunista... como a mulher que, afogando-se, e já não podendo chamar piolho ao marido, no último instante, com os polegares erguidos acima da cabeça, fazia o gesto de esmagar um piolho entre as unhas. Como podem, ante a tragédia da situação criada, sobreviver ao remorso?

A Reforma das Faculdades de Ciências

MANUEL VALADARES

"Portugal Democrático" arquiva neste número um valioso depoimento do Prof. Doutor Manuel Valadares, o destacado físico português que Salazar deportou para França, onde vem proporcionando a melhor colaboração aos programas nucleares do governo francês.

O artigo foi publicado pelo diário "República", tudo nos levando a admitir que a censura salazarista o mutilou. Nem por isso deixamos de o reproduzir, em homenagem ao corajoso órgão republicano de Lisboa e ao cientista eminente que o subscreveu, além de que se do estado de um problema, perante o qual não podem ficar indiferentes aqueles que verdadeiramente se interessam pelo futuro da Ciência em Portugal.

Mãos amigas enviaram-me o recorte de um jornal português reproduzindo parte das declarações feitas pelo sr. ministro da Educação Nacional ao empossar a comissão encarregada de projetar a reforma das Faculdades de Ciências. Li-as com aquele interesse de quem mentalmente aplaudeu aquele senhor deputado a professor universitário que, por mais de uma vez, afirmou na Assembléa Nacional que a organização das nossas Faculdades de Ciências andava atrasada de, pelo menos, trinta anos. Li-as sem poder deixar de sorrir ao verificar que o senhor ministro, guardando aquela franca irreverência que era uma das facetas mais atraentes da sua personalidade quando jovem, não hesitou em dizer que tinha sido necessária a criação da Junta de Energia Nuclear para que os assuntos governantes se apercebessem que o País não tinha nem os matemáticos, nem os físicos, nem os químicos, nem os geólogos de que precisava. Li-as com a atenção profunda que me merece um problema cuja solução há muito considero fundamental para o progresso do nosso País. Li-as, e, ao terminar a leitura, veio-me o desejo de escrever algumas linhas sobre o assunto, não para criticar o que se fez — ou se não fez — durante os últimos trinta anos, mas para contribuir para que se possa fazer mais e melhor num futuro próximo.

Foi então que aquele Sancho Pança que existe em todos nós me começou a bichar no ouvido: — Homem, para que te vais tu meter onde não és chamado! Para que vais tu, exilado há perto de doze anos, ocupar-te dos problemas de uma terra onde talvez nunca mais voltes?! Deixa essa tarefa aos membros da comissão onde há alguns valores que bem capazes são de se desempenharem dela e tu trata da tua horta, que já tens em que te ocupar suficientemente. E, afinal, tens tu a certeza de não estares enganado? Tens tu a certeza que não é a tua deformação profissional que te faz considerar como um problema de primeira plana o que não passa de caso de segunda ou terceira zona de importância nacional?

D. Quixote não estava nesse dia batalhador e embora respondesse a Sancho o certo é que as palavras deste lhe tinham sfiado o ânimo e não rapou da pena. Possivelmente o caso teria ficado por aqui se há pouco o rádio não tivesse anunciado que o actual governo francês se propõe construir, em 1960, treze novas Faculdades de Ciências. O cavaleiro acordou e voltando-se para Sancho atirou-lhe à queima-roupa: "Vês tu, homem, como era eu que tinha razão. Vês tu que um governo que se debate com problemas económicos gravíssimos, ou precisamente porque se debate com eles, não hesita em criar treze — sim treze! — novas Faculdades de Ciências?! Por que não hei-de então eu dar a minha opinião sobre a maneira que pinto ser a mais eficiente, não já de criar, mas de adaptar aos tempos presentes as três Faculdades de Ciências já existentes na terra onde nasci?! — E como Sancho ainda abrisse a boca... — "Cala-te homem! Falo e falo mesmo, como bom democrata que sou!" Sancho encolheu os ombros e foi à sua vida.

Puz-me então a reler as considerações do senhor ministro da Educação Nacional e confesso que na reflexão desta segunda leitura o que mais me impressionou não foi o que o senhor ministro disse, mas aquilo que ficou por dizer. Eu explico-me. E' evidentemente necessária a criação de novos cursos, é importante uma nova organização das licenciaturas influenciada, naturalmente, pela própria criação desses novos cursos, mas isto não bastará nem de longe, para dar às nossas Faculdades de Ciências o rendimento, a eficiência, a projeção que elas devem ter — e não têm tido — na vida da Nação. Há alguns problemas fundamentais que necessitam de ser abordados e largamente discutidos não só porque da resposta que lhes for dada, dependerá o sucesso ou insucesso da próxima reforma, mas ainda porque eles condicionam a maneira de resolver a organização das licenciaturas ou a criação de novos cursos. Sem a pretensão de esgotar o assunto, apontarei alguns dos mais importantes: 1) uniformidade ou diversidade das três Faculdades; 2) deveres e direitos dos membros do corpo docente; 3) número de anos das licenciaturas e possibilidades concedidas aos alunos.

PRIMEIRO PROBLEMA

O primeiro destes problemas parece-me crucial. Que interessa mais ao País — ter três Faculdades de Ciências iguais ou diferentes? Em minha opinião o interesse do País "egixe" que elas sejam diferentes. Evidentemente que em todas elas haverá ensinamentos gerais de física, de química, de mineralogia, etc., mas logo que se passe do ensino geral à especialização esta deverá ser diferente nas três Faculdades. Tomemos por exemplo o caso da física. O interesse do país está em possuir três grandes centros de física trabalhando em pleno rendimento, em domínios diferentes; por exemplo: um centro de física do estado sólido, um centro de física do estado líquido, um centro de física nuclear, um centro de óptica (domínios, aliás, que cito ao acaso, sem cuidar se são os de maior interesse para o país). Não só está nisso o interesse nacional, como o facto é que, não tendo nós ainda hoje o número de físicos necessários para constituir com bom rendimento o único destes centros, seria erro grave querer formar imediatamente três na mesma especialidade. Examinemos o caso com um exemplo ainda mais concreto; suponhamos que a Faculdade de Ciências de Coimbra constrói amanhã um grande acelerador de partículas. O funcionamento e o bom rendimento de um aparelho destes exige, ntre físicos, químicos, engenheiros e mais pessoal técnico, uma centena de pessoas. Pelo facto de Coimbra ter um centro destes vão-se criar outros dois idênticos em Lisboa e no Porto? E' claro que não; é muito mais útil que o Porto se dedique aos estudos do estado sólido (capítulo da física que hoje tem tanto ou mais interesse do que a física nuclear) e que Lisboa se ocupe, por exemplo, de radioactividade. Mas é claro que uma vez adoptado este critério, o ensino das três Faculdades deve ser diferente: — os físicos de Coimbra ensinarão a "fundo" as altas energias, os do Porto ensinarão "a fundo" o estado sólido, os de Lisboa ensinarão "a fundo" a radioactividade. Seja-me permitido acrescentar que uma tal orientação não provem do facto de considerar Portugal um país pequeno ou um país "soit-disant" pobre; é assim que se faz por toda a parte quer o país seja grande ou pequeno, pobre ou rico, porque está nisso o interesse do país, porque é esta única maneira de fazer físicos ou químicos.

Era em volta deste primeiro ponto — uniformidade ou diferenciação das três faculdades — que eu gostaria de ver estabelecer-se uma larga discussão nos jornais, nas Sociedades Científicas, nos periódicos, num vasto inquérito junto dos

SALAZAR CONCEDE ASILO A BATISTA

Com uma rapidez impressionante, o governo do ditador Salazar concedeu asilo político ao ex-ditador de Cuba, Fulgencio Batista. Diríamos até que ficou satisfeíssimo por poder acolher na Ilha da Madeira o sinistro personagem e sua comitiva. Afinal, rezam pela mesma cartilha...

O comentário que poderíamos fazer a esse respeito, é desnecessário, com a transcrição do editorial do "The New York Times". Sômente não podemos apoiar os votos formulados pelo grande órgão da imprensa norte-americana, quando afirma que seria bom que a Batista se juntassem, na Ilha da Madeira, Trujillo, Peron, e certamente o resto dos ditadores das Americas. Os habitantes da bela ilha não merecem tanta "ventura".

Enfim este é o editorial, divulgado pela "United Press International":

O jornal "The New York Times" publicou um editorial intitulado "A nova residência de Batista", no qual afirmou: "É duro dizê-lo, porém, no caso do General Fulgencio Batista, devemos afirmar: Partiu em boa hora! Muita gente terá dado um suspiro de alívio, ao saber que o ex-ditador saiu afinal deste Hemisfério e que passará o que se espera seja muito tempo, na Ilha da Madeira.

"Entre os que devem sentir-se especialmente satisfeitos, estão os funcionários do Departamento de Estado. Devemos felicitá-los não só porque está agora longe uma pessoa perigosa, como também pela firmeza e pelo bom senso que mostraram ao rebelde a idéia de que se podia ser concedido a Batista o visto para que residisse neste país.

"O fato do general Batista estar perto de Cuba constituía uma ameaça constante como demonstraram os regentes acontecimentos. Estava na República Dominicana, na qualidade de convidado a contragosto do generalíssimo Trujillo, e consta que pagava elevado preço para poder permanecer ali. As Democracias europeias ocidentais negaram-se também a conceder "visto" a Batista. Era lógico que outro ditador, o primeiro-ministro de Portugal, Salazar, o recusesse.

"Não seria agradável o general Peron, da Argentina, que Batista deixou na República Dominicana, fosse para junto dele? E não seria ainda mais agradável se o generalíssimo Trujillo fosse juntar-se aos dois na Ilha da Madeira? Se tal sucedesse este seria um Hemisfério muito mais feliz".

«PINTORES PORTUGUESES NA V BIENAL DE SÃO PAULO

Esta notícia tem apenas o sabor de um aviso: os pintores portugueses estão ausentes da V Bienal de São Paulo (excepção feita, é claro, a Amadeo de Souza Cardoso, que morreu em 1918).

Com efeito devem recordar-se os nossos leitores de um artigo publicado há meses neste jornal pelo pintor Fernando Lemos, denunciando a nova manobra do SNI. Os pintores portugueses que têm consciência da sua missão de artistas recusaram-se a colaborar nesta iniciativa do organismo dirigido pelo sr. Moreira Baptista.

E de tal modo frizaram essa recusa que promoveram em Lisboa, um "Salão dos Independentes", no qual participaram os pintores portugueses verdadeiramente representativos. Em resposta, o SNI viu-se obrigado a efectuar um "salão dos novíssimos — o dos "dependentes" — para "seleccionar" a representação portuguesa na Bienal. Assim, tiveram de escolher entre os sempiternos oportunistas um grupinho de rapazolas ávidos de celebridade a todo o custo.

Para os que ainda não sabiam, aqui fica o aviso: a pintura portuguesa não está na Bienal. Os que lá se encontram são apenas os "servidores" de sempre...

antigos licenciados e de todos os que o problema interessa. Seria o resultado desta vasta discussão que permitiria ao senhor ministro dar uma directriz à comissão que acaba de empossar ou três Faculdades de Ciências iguais (tal como o país tem desde 1910) ou três Faculdades de Ciências que tendo um ensino comum nos dois ou três primeiros anos se diferenciam depois. E' claro que esta premissa é fundamental para todo o trabalho a realizar.

(cont. no próximo número)...

ENTREVISTADO EM FORTALEZA

Casais Monteiro diz por que há oposição no Brasil à ditadura portuguesa

"O ESTADO", o mais importante diário de Fortaleza (Ceará) publicou em 19 de julho findo uma interessante entrevista com o escritor Adolfo Casais Monteiro. Reproduzimo-la na íntegra, para levarmos a todos os democratas portugueses espalhados pelo Mundo a certeza de que não é só a maioria dos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo que afirmam a sua hostilidade ao governo fascista de Salazar.

O ditador, apesar da sua fabulosa propaganda, não conseguiu ludibriar a Imprensa honesta, nem os Povos Democráticos. Jornais e opinião pública internacional sabem hoje quem é Salazar. No caso do Brasil, a Democracia

CONGRESSO DE ESCRITORES

Impossibilitado de ensinar, Casais Monteiro dedicou-se ao jornalismo e às traduções. Fez inúmeras para a editorial "Inqu-rito". Dirigiu um semanário de letras. Publicou um romance "Adolescentes" e vários volumes de crítica e poesia. Dos livros de poesia publicados o escritor prefere Canto da nossa agonia e Noite Aberta nos Quatro Ventos. Em 1954 realizou-se em São Paulo o Congresso Internacional de Escritores, ao qual compareceu a delegação portuguesa. Entre os figurantes da mesma estava o crítico Casais Monteiro. Por essa ocasião recebeu um convite para ficar no Brasil. Ele, que sem-



Casais Monteiro fala a Carlos d'Alge

Portuguesa conta abertamente com a simpatia da opinião pública e da Imprensa. Conforme se documenta, nas mais distantes paragens do Brasil, é de braços abertos que são recebidos os verdadeiros representantes da Cultura Portuguesa. E, nesta qualidade, Adolfo Casais Monteiro é, sem dúvida, um dos mais vibrantes e destacados.

Eis o texto da entrevista que publicou "O Estado", de Fortaleza (onde "Portugal Democrático" acaba de ganhar mais um representante, o jornalista Carlos d'Alge), sob o título "Casais Monteiro diz porque há oposição no Brasil à ditadura portuguesa":

Dizendo encontrar-se satisfeito com a visita ao Ceará — onde conheceu escritores e os verdes mares bravios — Adolfo Casais Monteiro iniciou uma longa conversa com o repórter, falando sobre coisas d'além mar. Casais Monteiro reside há cinco anos no Brasil, tendo morado sucessivamente em São Paulo, Rio e ultimamente em Salvador, onde lecionou no Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, patrocinado pela Universidade da Bahia e na Escola de Teatro daquela capital.

Professor universitário, poeta, romancista e crítico de renome, Casais Monteiro pertence aquela geração que em 1927 editou "Presença" e revolucionou as letras portuguesas. Diplomado em Histórias e Filosofia pela Universidade de Lisboa, lecionou durante dois anos em sua terra natal, tendo sido depois demittido de suas funções e proibido de ensinar em Portugal, pelo simples motivo, de formar ao lado dos escritores, artistas e intelectuais que fazem oposição ao regime português.

O "CRIME" DO ESCRITOR

Vale a pena contar o "processo" a que foi submetido o escritor. Por ocasião da guerra civil de Espanha, formou-se em Portugal, um grupo de intelectuais que coordenava a remessa de dinheiro e roupas para auxiliar os republicanos. Casais Monteiro estava entre essa pleiade de homens independentes e amantes da liberdade. Por esse motivo, esteve preso durante um ano aguardando julgamento até ser posto em liberdade, tendo que pagar ainda elevada multa.

No julgamento do escritor, o promotor alegou que não havia motivo para o processo, mesmo assim o escritor — que já estava preso há um ano — teve que desembolsar dinheiro para pagar a multa. Esses julgamentos são típicos e centenas de casos têm tido este desfecho.

pre apreciara a nossa terra, não teve dúvidas. Ficou mesmo. "Já gostava da feijoada do cafézinho e da batida" — diz o escritor. Durante esses anos, trabalhou para O ESTADO DE S. PAULO e colaborou em outros jornais e revistas. Em 1956 transferiu-se para o Rio, onde lecionou Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, a convite do Prof. Anísio Teixeira (CAPES). Atualmente está na Bahia e veio ao Ceará numa promoção da Reitoria par um encontro com os intelectuais da terra.

OS ESCRITORES E O REGIME

Naturalmente, a entrevista foge para a política: Desejamos saber qual a posição dos escritores portugueses face ao regime. Diz Casais Monteiro:

"A geração de 1927 — data em que circulou PRESENÇA — é toda da oposição. A maior parte participa às claras de todos os movimentos contra o regime. A minoria mostra-se sempre com reserva face às autoridades. Escritores como Antônio Sérgio, Ferreira de Castro, Jaime Cortesão, José Régio, João Gaspar Simões, Antônio José Saraiva, e mestre Aquilino Ribeiro são os baluartes da oposição entre os intelectuais portugueses. A recente eleição de Jaime Cortesão para a presidência da Associação Portuguesa de Escritores é um fato importante. Jaime Cortesão havia estado preso por motivo político, mesmo assim, foi eleito por unanimidade por todos os escritores, mesmo por aqueles que não são políticos ou que não aderiram à oposição. Esse fato vem demonstrar o grau de evolução política do intelectual português que abomina o regime em que vive".

O CASO DELGADO

"E' muito significativo declara o escritor, — Trata-se de um homem que veio do governo, militar que apoiou a ditadura e exerceu cargos públicos de elevada responsabilidade, tanto no país como no exterior. E acabou por se tornar um representante ideal da oposição, reunindo à sua volta forças situacionistas. Se tivessem sido publicados os verdadeiros números do último pleito, Delgado seria presidente da República. Venceu na África e em alguns distritos presididos por juizes honestos também teve maioria. Ganhou relêvo visto de fora dado a cegueira do governo em não reconhecer o seu direito de asilo" — (e ainda publicar uma verdadeira tolice como o livreto Asilo Diplomático).

CARTA ABERTA A SALAZAR dos democratas portugueses da Argentina

Com o título de "Carta aberta ao chefe supremo do Exército apátrida que há 30 anos ocupa Portugal, o dr. António de Oliveira Salazar", os democratas portugueses da Argentina enviaram ao chefe do fascismo luso um documento, do qual transcrevemos algumas passagens:

Com a sua Censura à imprensa, com a propaganda delirante da sua pessoa e das suas obras, com os métodos terroristas da sua policia politica, com o privilégio que tomou de impor as suas falas sem resposta — V. Exa. pode, em território português, vociferar as caducas mentiras salazarianas como até agora que Portugal ressurgiu, que as maravilhas do seu regimen suscitam o respeito e a admiração do estrangeiro — e até que os nossos irmãos portugueses gozam de invejável liberdade. Pode, ao mesmo tempo, ocultar com gritos da propaganda e as festas dos muito ricos da sua oligarquia, a miséria atroz do povo e as selvagens terroristas da PIDE. Não poderá, porém, ainda que desvie para a propaganda e para a policia todo o dinheiro dos contribuintes portugueses de que dispõe descrecionariamente, fazer-se acreditar por nós e iludir-nos — por nós que estamos diariamente em contacto com os factos e acontecimentos da vida livre de um povo livre, que pode escolher os seus governantes e exercer o direito de critica sem receio de ver as suas casas violadas pela policia, presos os chefes de familia e confiscados os bens, consciente de que não é simples animal de manada de um rebanho descrecionariamente pastoreado. Aqui, Sr. Dr. Salazar, as manadas

só pertencem bovinos e ovinos. Por mais que queiramos não podemos deixar de cotejar a liberdade de que gozamos, bem como a do povo no seio do qual trabalhamos como HOMENS, com o que vimos e sofremos no nosso país ou com o que nos contam, quando as suas cartas não são violadas pela PIDE, os amigos e parentes que lá deixamos — como não podemos deixar de sofrer da piedade que sentem por nós, como povo encarcerado, as pessoas livres com quem privamos. Mesmo neste período irrequieto de rescaldo de uma ditadura, é muito sensível a diferença que existe entre a ordem que aqui reina nas almas e nos espíritos da ceteral ordem salazariana, e mais, o povo não conhece a miséria, a fome, e o estado sanitário da população é invejável; pode falar-se, pode-se conhecer e discordar — até nós, os estrangeiros; a policia, por sua vez, só exerce funções honrosas — não tortura, não mata, não se sobrepõe à lei.

Amamos entranhadamente o nosso país, com um amor que a saudade requinta, e tratamos de o prestigiar com o nosso trabalho e o exercicio das melhores virtudes portuguesas — o que conseguimos, sem propagandas, com muito mais exito do que V. Exa., que tantas vezes nos faz corar de vergonha. Mas o nosso orgulho inabalável de sermos portugueses sofre cruelmente do martírio e desprestígio a que V. Exa. sujeita o país, de o vermos há anos tanto tempo ocupado como por uma tropa estrangeira de que V. Exa. é comandante supremo.

Vá-se embora, Sr. Dr. Oliveira Salazar!

ANISTIA PARA OS PRESOS POLITICOS PORTUGUESES E HISPANHOIS

A campanha para a anistia aos presos politicos portugueses e espanhóis continua a merecer o apoio de todos os brasileiros, portugueses e espanhóis, que lhe estão dando a sua mais entusiástica colaboração, contando-se por milhares as assinaturas que cobrem já centenas e centenas de listas espalhadas não só nesta cidade como pelo interior do Estado e por todo o Brasil.

É indispensável que todos os democratas portugueses e espanhóis acorram às reuniões, levando à abnegada Comissão seu aplauso e solidariedade a tão humano movimento, e que testemunhem aos nossos irmãos brasileiros todo o reconhecimento pelo que estão fazendo em prol dos nossos irmãos portugueses e espanhóis.

Portugueses! O PORTUGAL DEMOCRÁTICO, como jornal português que é, a vós em especial, se dirige: Dai a este humano movimento todo o vosso apoio e colaboração, assistindo e tomando parte em suas reuniões e contribuindo monetariamente, na medida das vossas possibilidades, para o seu triunfo! Os nossos irmãos, que gofrem os horrores das prisões salazaristas bem o merecem e aguardam a hora da libertação que vossos esforços apressará.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

Jornal ao serviço da Democracia Portuguesa, órgão da Resistência contra Salazar. "Portugal Democrático" congrega hoje todos os núcleos anti-fascistas espalhados pelo Mundo inteiro. Pequenos grupos isolados puderam reunir-se graças ao nosso jornal e iniciar, assim, uma acção que, entretanto se alargou e solidificou.

Aqueles portugueses que vivendo em terras estrangeiras, não puderam ainda formar núcleos ou associações democráticas oferecemos as nossas colunas, para que desenvolvam as manifestações anti-salazaristas que, até agora, devido ao isolamento em que permanecem, não conseguiram desenvolver.

Escrevam-nos pois, enviando não apenas sugestões, mas procurando também, por intermédio de "Portugal Democrático" contactar os inúmeros portugueses democratas que só esperam a oportunidade de participar no grande movimento anti-salazarista que está crescendo em todo o Mundo.

O Major L. Cesariny No "Paraiso" de Salazar

AGRADECE AO «COMITÉ DOS INTELECTUAIS E ARTISTAS»

O major Luís Cesariny Calafate remeteu ao "Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão", com sede no Brasil, a seguinte mensagem:

"As vossas penhorantes saudações vieram, uma segunda vez, encorajar-me a continuar na luta pela libertação da Pátria escravizada ao jugo "pidesco".

Quando, anteriormente, tive conhecimento do manifesto do Comité a S. Exa. o Presidente Rómulo Betancourt, agracecendo o meu asilo politico, senti o poderoso e benéfico contágio desse nobre gesto. E nas horas dramáticas que a solidariedade atinge a sua maior dimensão.

A rigorosa disciplina do asilo impediu-me de testemunhar imediatamente a minha gratidão. Faço-o agora, ao mesmo tempo desvanecido pelo honroso convite para colaborar no glorioso jornal "PORTUGAL DEMOCRÁTICO".

No alvoreço do admirável espectáculo que a fraternidade democrática oferece aos olhos deslumbrados do recém-chegado, todos os meus sacrificios se diluem na empolgante certeza de que só vale a pena viver-se sob a bandeira da Liberdade.

Que fácil seria tudo se a Verdade pudesse chegar aos nossos queridos irmãos de Portugal!

Viva Portugal Livre!

Calorosas saudações do camarada e amigo muito agradecido, ao vosso dispor, (a) Luis Cesariny Calafate.

P.S. Em todas as prodigiosas facilidades e fecunda organização e coordenação dos incriveis meios à disposição da causa sagrada da Liberdade se descobre a poderosa mão-de-leme do patriota e democrata insigne que é o delegado na Venezuela do "Portugal Democrático".

Depois da grande manobra que foi a remessa até ao Brasil na velha mumia que dá pelo nome de Caeiro da Mata (democrata arrependido, hoje todo voltado para a "ordem salazarista"), multiplicam-se, em Lisboa, as diligências, no sentido de se dar a impressão de que são excelentes as relações entre o Brasil democrático e o Portugal fascista.

Mas a imprensa censurada já não convence ninguém: quer o presidente Juscelino vá, ou não, a Portugal — e custa-nos a crer que ele embarque a um mês das eleições presidenciais —, a opinião pública do Brasil repudia, na sua íntima totalidade, o regime salazarista. Mais: a "chantage" sentimental de que lança mão, agora, o ditador português não modificará esse parecer, pois toda a simpatia dos brasileiros vai para aqueles que lutam contra a tirania salazarista.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Moreira Baptista, burocrata empedernido e analfabeto notório, continua a agitar-se, desta vez com o propósito de agradar à amarfanhada Imprensa Regional portuguesa. Ofereceu, há tempos, jantares e passeios aos directores de jornais da Província e prometeu-lhes um estatuto. Na base IX desse projeto, declara-se, nomeadamente: "A liberdade de expressão de pensamento, com os limites impostos nas bases anteriores (o sublinhado é nosso), é condição de existência da Imprensa e pressuposto do desempenho eficiente da função pública de interesse nacional que se lhe comete; não se compedece com a existência, salvo em situações de emergência, de órgão do Estado limitativo ou repressivo; admite prevenção e repressão de infrações a este estatuto ou à lei, mas tão somente exercidas por órgãos próprios da Imprensa, ainda que inicial, transitória e efêmeramente assistidos por representantes do governo da Nação".

Como se vê, o estatuto é liberal, a ponto de não se mencionarem sequer, a existência da Censura... Há, é claro, que contar com "os limites impostos nas bases anteriores"... e assim, tudo vai acontecer como dantes. Mas, já que não há mudança nenhuma, seria preferível que o imbecil do diretor do SNI se calasse. E que as suas declarações — nem para inglês ver... E o inglês já as conhece.

"ORGANIZAÇÕES SECRETAS"

Em telegrama de Lisboa, divulgava recentemente a "UPI": "Os tribunais declararam 10 homens culpados de pertencer a uma organização secreta antagónica governamental em Alhandra, cidade próxima a esta capital, de 1950 a 1956.

Um dos réus foi condenado a cinco anos de prisão, e os outros a dois. Ademais, os direitos politicos de todos eles foram suspensos por 15 anos".

Deduzimos facilmente que os portugue-

ses agora julgados estiveram presos — sem julgamento — desde 1956. E isto acontece num país que é membro da ONU e da OTAN, organizações que pretendem defender as liberdades fundamentais do homem!...

OS GRANDES LUCROS

Fez a "ANI" (do famigerado Dutra Faria) publicar nos jornais censurados a seguinte noticia, com data de Londres:

"A Anglo Portuguese Telephone Company obteve o lucro líquido de 596.431 libras, soma equivalente a 47.939.200 escudos, no ano findo, sendo de 46.408 libras — o correspondente a 3.712.640 escudos — o acrescimo registrado em comparação com 1957, segundo indica o relatório anual da companhia, no qual se lê que o dividendo final foi de seis por cento e de nove por cento para o ano inteiro.

Acrescenta que, devido ao aumento dos salários estabelecidos por decreto oficial, a Anglo-Portuguese Telephone Company requereu ao governo português autorização para elevar as taxas telefônicas".

Quem quiser que faça os comentários...

J A ?

Publica-se em Lisboa uma revista intitulada "Mundo", dirigida por dois escritores picarelas, Gentil Marques e Amândio César, ambos monárquicos e de relações muito equívocas com a PIDE (embora tenham mantido também com democratas honestos). Pois a propósito da visita da princesa Margarida a Lisboa, "Mundo" (monárquico) publicou uma foto de Margarida com o Tomaz, juntando-lhe a seguinte legenda: "Saudoso da monarquia, o povo português recebeu como sua a princesa de Inglaterra" (...)

Só faltava mais esta, no paraíso salazariano! O Povo Português com saudades da monarquia? Mas como poderá esse Povo esquecer o 31 de Janeiro e o 5 de Outubro, para não citar outras datas gloriosas da República?

O DESCONTENTAMENTO É GERAL

"Estamos atravessando uma crise de descontentamento geral, de ansiedade por uma qualquer coisa que todos procuram sem saber bem o que é, de aspirações impelentes que ninguém consegue concretizar e leva os povos à revolta, à cobiça, ao ódio".

A afirmação pode ler-se no número de Abril da revista mensal para emigrantes do Instituto Missionário Sagrado Coração (Coimbra), "Ecos da Minha Terra". E no editorial da mesma revista (Maio) escreveu-se ainda: "O desânimo, a desconfiança, o descontentamento serpeiam já entre o povo. Boatos, panfletos, circulares, avivam dia a dia o descontentamento. Na verdade, como em

«OS ULTIMOS DIAS DO FASCISMO PORTUGUES»

Da autoria da nossa estimada colaboradora, a romancista Maria Archer, deve ser publicado muito em breve, em São Paulo, um livro intitulado "Os últimos dias do fascismo português", no qual se faz o processo do regime salazarista, observado através do clamoroso e ilegal julgamento do Capitão Henrique Galvão, na oportunidade em que este cumpria já uma pesada pena de prisão a que fora condenado anteriormente pela "justiça" ditatorial. Desde já, aceitam-se pedidos para a aquisição de "Os últimos dias do fascismo português" na administração de "Portugal Democrático".

A todos os assinantes de "Portugal Democrático", quer do Brasil, quer do estrangeiro, solicitamos que mandem pagar suas assinaturas em débito com toda a urgência.

MEMÓRIAS DE UM ESPÍÃO EM SÃO BENTO

O Pássaro

— Senhora, donaela, valei-me! disse a vizinha.
A donzela olhou em volta. Lá no fundo do jardim Manuel continuava regando as couves. Ninguém por perto. Árvores, sol, salpicos de luz e de flores. Estranho, mas nada mais.
— Aqui, donzela, aqui repetiu a vizinha.
Olhou com mais atenção e viu um passarinho caído debaixo de uma oliveira.
— Oh! um passarinho! disse a donzela.
Apanhou-o do chão e apertou-o contra o seio trémulo.
— Passarinho, passarinho, que fazes estás magoado?
O passarinho aconchegou-se mais contra os seios da donzela e chilreou:
— Bem hajns donaela. Foi essa oliveira fela que me aleijou a asa.
— Pobrezinho! Não és o primeiro.
— Ai! disse o passarinho.
— O que é? perguntou a pura donzela, inquieta.
— Que bom estar contigo.
— Tu gostas, passarinho?
— Sim, tu és boa. Eu tenho um segredo.
— Um segredo, passarinho?
— Sim. Eu sou um príncipe encantado. Uma bruxa transformou-me assim.
— Ai, um príncipe encantado...
— Porque tremes, donzela?
— Se o meu padrinho sabe...
— O que aconteceu, donzela?

— Ele não quer que eu ouça falar de homens.
— E quem é o teu padrinho?
— É o Mestre.
— O Mestre d'Aviz?
— Quase. Ele é o pai da grei.
— O pai da grei?
— Sim. O presidente do Conselho.
— Ai!
— Porque tremes, passarinho?
— Tenho medo do teu padrinho.
— Não tenhas, passarinho, ele está no gabinete. Ele nunca sai de lá.
Ficaram em silêncio, o passarinho apertado contra o colo da donzela.
— Donaela, disse o passarinho, ele é mau, não é?
— Não, respondeu a donzela. Ele é bom.
— Bom?
— Sim. Ele defende-me dos seis pecados capitais. Soberba, luxuria, ira, gula, inveja, preguiça. Só me deixa andar com vestidos escuros, não permite que falem de homens à minha frente, fecha-me num quarto escuro quando fico irritada, dá-me apenas uma batata ao almoço e outra ao jantar, não me autoriza a sair do palácio para que eu não inveje os coisals do mundo, e todas as madrugadas é ele mesmo quem me acorda para eu começar a limpeza do gabinete.
— Seis pecados, donzela? Tenho a impressão que passou um em branco.

— Não, passarinho, não. Ele é muito bom. Foi ele mesmo quem me ensinou o catecismo.
— Ah...
O passarinho catou um piolhinho de baixo da asa e gorjeou, muito íntimo:
— Sim, passarinho.
— Donaela, tu gestas de mim?
— Sim, passarinho. Tu contaste-me um segredo e eu contel-te a minha vida.
— Donaela, tu queres livrar-me do encantamento?
— Sim, passarinho, quero, quero. Como é?
— A bruxa disse que eu só voltava a ser príncipe quando passasse uma noite toda na cama de uma donzela.
— E se o meu padrinho sabe?
— Ele não vai saber. Leva-me contigo donzela, leva-me contigo.
— Não fiques, aflito, passarinho, eu também sou caridosa.
A donzela subiu a seu quarto, o passarinho apertado contra os palpítantes seios.
De madrugada o Mestre entrou no quarto da afilhada e quase deixava cair a vela ao ver um jovem de ombros largos e morenos, todo nu, dormindo castamente ao lado da donzela.
Consequências: o príncipe foi desterrado para uma ilha deserta no meio do oceano, e a donzela passou toda uma semana chorando, porque o Mestre não quis acreditar na história do passarinho.

SANTOS CARABINA

→ 7

Manifestações Hostis a Salazar

Durante o "Colóquio Luso-Brasileiro" na Bahia

Ex comissário "nacional" da "mocidade portuguesa", Marcelo Caetano veio à Bahia, chefiando a "delegação oficial" fascista ao Colóquio Luso-Brasileiro que se realizou em agosto em Salvador. Inúmeras foram as provas que recebeu de que era indesejável a sua permanência na terra democrática do Brasil.

Na cerimônia do doutoramento "honoris causa" do notório aspirante a ditador, os professores brasileiros primaram pela ausência, assim como os autênticos representantes da Cultura Portuguesa que estiveram também na Bahia, mas não incluídos na "delegação oficial". Mas a visita do ex-delfim foi ilustrada ainda por outros incidentes, nomeadamente os dos protestos que os estudantes brasileiros lhe enviaram.

Os tristes emissários de Salazar representaram, na Bahia, um papel lamentável. Pouco habituados à discussão livre das idéias, fugiam a todos os debates e, mesmo nos assuntos em que se podia esperar que se encontrassem tecnicamente bem preparados, reagiam de tal forma que davam a impressão de nada saberem. O que salvou o bom nome do nosso país neste diálogo entre portugueses e brasileiros foi o grupo de elementos não oficiais que a Universidade da Bahia teve o bom senso de convidar.

Os representantes salazaristas andavam pelo Colóquio com medo, com um ar de indivíduos que pisam um terreno perigoso e estão sempre à espera que lhes rebente uma bomba sob os pés. A sua fuga à discussão e à livre troca de idéias não evitou que ouvissem algumas verdades duras. Os brasileiros, evidentemente, com a gentileza e a dignidade que os caracteriza, não podiam abdicar da sua função de hospedeiros, pondo a descoberto a fragilidade do regime fascista, em que se baseia a pretensa cultura que esses delegados oficiais representavam.

Só quem não tinha funções oficiais, como era o caso por exemplo do escritor Jorge Amado, pôde aproveitar a ocasião para dizer diretamente a Marcelo Caetano e à sua comitiva, aquelas palavras independentes que infelizmente os nossos escritores não lhe podem dizer. Na sessão de candor, o autor de *Jubiabá*, falando em nome dos organizadores da festa, congratulou-se com a presença, naquela festa de folclore africano, não só dos representantes oficiais como dos outros portugueses e insistiu na necessidade de paz e democracia, tanto para o Brasil como, e principalmente, para Portugal. Marcelo Caetano lívido, abandonou a festa antes do fim, seguido pela comitiva de lacaios que o acompanhava. Mais tarde, na sessão de regime fascista português, comentou, indignado, que "não viera ao Brasil para ouvir propaganda comunista".

Mas foi nas mesas redondas do Colóquio, a propósito da comunidade luso-brasileira e de questões luso-afro-brasileiras, que os próceres salazaristas passaram momentos mais desagradáveis. Os participantes dessas mesas redondas eram selecionados, mas assim mesmo, ainda foi possível tocar em muitos problemas que os delegados oficiais não gostam de discutir.

OS ESTUDANTES DO BRASIL PROTESTAM

A posição dos estudantes da Bahia, em relação à "delegação oficial", foi de clara antipatia. Quando o jornal "Estado da Bahia" publicou artigo que neste número transcrevemos (e que foi igualmente divulgado por "O Estado de S. Paulo"), a União dos Estudantes da Bahia, órgão máximo da representação dos universitários baianos e membro da União Nacional de Estudantes, deu publicidade ao seguinte comunicado:

"Os estudantes baianos, reunidos em seu Conselho Estadual, no dia 17 de

corrente, às 20 horas, aprovaram por unanimidade a moção de solidariedade, apresentada pelo colega Antonio Guerra, da Faculdade de Direito, da Universidade da Bahia, ao ilustre escritor pelo esclarecido artigo que publicou no *Jornal da Bahia*, na sua edição do dia 16 de agosto de 1959.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar as nossas Saudações universitárias (a) GERMANO CASAIS E SILVA.

Deve salientar-se que ao verem publicado o artigo de Casais Monteiro, a representação fascista tomou ares de vestal ofendida e foi em virtude desta atitude que os estudantes bahianos, por intermédio do seu órgão representativo, fizeram sentir claramente a Marcelo e seus acólitos quanto era desagradável a presença dos agentes de Salazar.

Por outro lado, quando Marcelo Caetano teve conhecimento de que todos os jornais da Bahia e o que é mais significativo, a Rádio Cultura (oficial), haviam dado grande relevo à mensagem dos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, protestando contra a sua presença no Brasil, visto ser um dos cúmplices do aniquilamento da cultura portuguesa, esbravejou dizendo que se tratava de "uma bofetada no povo português". Desde quando o sr. Marcelo Caetano se acha autorizado a identificar-se com o povo português que o repele e o despreza?

OS ESTUDANTES PAULISTAS CONTRA O FASCISMO

Uma vez ainda, a juventude paulista fez ouvir a sua voz, dizendo claramente a Marcelo Caetano — para que este o vá dizer ao seu chefe — que no Brasil a opinião pública está com os democratas portugueses.

Em telegrama remetido ao secretário do Colóquio, declararam os estudantes de São Paulo que o reitor da Universidade (salazarista) de Lisboa "representa um regime que persegue e tortura professores e estudantes com manifesto desprezo pela Declaração Universal dos Direitos do Homem". A mensagem foi subscrita por Mário Ernesto Humbert, presidente do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Carlos Aurelio Dampiere, do Grêmio Politécnico, José da Rocha Carvalho, do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, todos da Universidade de S. Paulo e Tales Castelo Branco, Antonio Paoli Filho e João Chatiau, da Faculdade de Direito Mackenzie e João Manoel Conrado Ribeiro, da União Nacional dos Estudantes.

Por seu turno, o Centro Acadêmico "XI de Agosto", em documento assinado pelo seu presidente, sr. Luís Carlos Bettiol, enviou também ao secretário do Colóquio Luso-Brasileiro, em nome dos jovens da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, a seguinte e vibrante mensagem, protestando contra a presença do sinistro delegado de Salazar e de seus lacaios na terra livre e democrática do Brasil:

"O Centro Acadêmico "XI de Agosto", da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, sente-se no dever de dirigir-se aos seus colegas universitários da Bahia, e do Brasil em geral, para preveni-los e alertá-los contra a presença, no País, do Sr. Marcelo Caetano, ex-ministro da Presidência e atual reitor da Universidade de Lisboa, que participa, como chefe da delegação oficial portuguesa, do V Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, atualmente realizando-se na Bahia, Sentimo-nos no dever cívico e patriótico de lembrar os nossos colegas da Bahia de que o sr. Marcelo Caetano é considerado o "Delfim do Regime" fascista português, portanto, o eventual sucessor do Sr. Oliveira Salazar, que se vem mantendo, há mais de trinta anos, no governo português, apoiado por uma ditadura responsável pela perseguição e pela morte de ilus-

tres estudantes portugueses, que se recusam a compactuar com os crimes do atual regime fascista luso.

Os estudantes de Direito do Largo de São Francisco julgam louvável a ideia da realização do Colóquio Luso-Brasileiro, para a discussão de importantes assuntos culturais que interessam aos dois países. Todavia, gostariam que esse colóquio fosse realizado com representantes de uma nação livre e democrática, e não obscurecida por um regime bárbaro e desumano, que tem custado o assassinio de vários jovens idealistas e as lágrimas de muitas mães de família. Como sempre, o sr. Salazar aproveita-se da organização de reuniões culturais, como a que ora se realiza na Bahia, para exportar para o Brasil, na representação portuguesa, alguns de seus vassallos, os mais fiéis à ideologia fascista, que custou milhões de vida durante os trágicos dias da Segunda Guerra Mundial. Todavia, os académicos do Largo de São Francisco não esperavam que, desta vez, o sr. Salazar exportasse para o Brasil o mais fiel e o mais vil de todos os seus lacaios. Realmente, o sr. Marcelo Caetano foi o mesmo homem que, em 1947, traiu o ideal dos estudantes, aos quais se propunha orientar. Naquela época, surgiu em Portugal nova esperança de liberdade, como um movimento desencadeado contra o regime por vários universitários, alguns dos quais foram presos e torturados. Os líderes estudantis procuraram, então, o sr. Marcelo Caetano, que já era conhecido e influente professor para conseguir a clemência de Salazar para os jovens. Mas, à maneira de Pilatos, Marcelo Caetano lavou as mãos e escolheu o lado da ditadura, que viria mais tarde a brindá-lo com o alto posto de ministro da Presidência. Como vemos, cobrou, à vista, de Salazar, os seus mesquinhos serviços prestados contra os estudantes. Ainda em 1947 formou-se em Portugal o tão tristemente famoso tribunal de "Nuremberg" da intelectualidade portuguesa, que provocou o afastamento de suas cátedras universitárias dos mais lídicos e preclaros professores universitários que não comungavam pela cartilha de Salazar e que representavam, em suas cátedras, a reação democrática contra o fascismo. Esse tribunal foi presidido por outro autêntico fascista, o sr. Lopes de Almeida, que também integra a delegação portuguesa ao Colóquio.

Como se vê, o sr. Lopes de Almeida, como antes, ainda é hoje um servil capacho da ditadura portuguesa.

O sr. Salazar precisa compreender que o seu barato regime, conhecido por "Estado Novo", já foi desmascarado, há muito, no Brasil. Dois anos depois que aqui floresceram os primeiros germes malignos desse regime, o povo brasileiro, principalmente os paulistas e, com eles, nós, os académicos do Largo de São Francisco, derramamos o nosso sangue nos campos da revolução constitucionalista de 1932, para demonstrar que a juventude esclarecida e democrática do País se levantava em armas contra a nova catástrofe preparada contra a nossa liberdade. Perdemos, mas a nossa luta continuou, até que em 1945 o ditador caiu, vencido pelas forças democráticas do País.

Portanto, o Brasil já se livrou do "Estado Novo" há anos, não havendo mais motivo para o sr. Salazar exportar fascistas notórios para fazer "arengas" numa nação verdadeiramente democrática. Isso ficaria muito bem durante a ditadura do caudilho do Sul, quando o sr. Antonio Ferro, subvencionado pelo regime salazarista, vinha fazer aqui as suas utópicas conferências. Então, Antonio Ferro ditava os seus artigos no "Diário de Notícias" de Lisboa, nos quais afirmava "Que o ditador fale ao povo e que o povo fale. Que o ditador e o povo se confundam de tal forma

A GRANDE HIPOCRISIA DA COMUNIDADE

PAULO DE CASTRO

São homens como Rodrigues Lapa, Casais Monteiro, Vitor Ramos que representam a cultura portuguesa no Colóquio da Bahia, e não um Marcelo Caetano, pajem de Salazar e que "concilia" a cultura com a anticultura da censura e da perseguição a intelectuais.

O governo português não encontrou ninguém melhor para representar a cultura do que um servidor da Razão de Estado, da dogmática fascista, da mediocridade oficial.

A vinda à Bahia do sr. Marcelo Caetano indica, por um lado, a ausência de valores da ditadura e, por outro, a identificação muito lógica do fascismo entre cultura e cruzada ideológica; entre cultura e propaganda mesmo indireta de um sistema e de um feixe de conceitos que não interessam mais a um país emancipado. A sua vinda diz bem que a ditadura julga ainda ser possível ao Brasil tornar-se uma "colônia intelectual" da Atenas-Santa-Combalão.

Que nos diz esse "defensor" da cultura da prisão seguida da morte de intelectuais, como Bento de Jesus Caraça; da expulsão de professores universitários das suas cátedras por se recusarem a aceitar o partido único; da perseguição a professores do ensino superior, levando-os ao desespero, como aconteceu a Abel Salazar; do obrigatório exílio imposto a professores de renome universal, como Rui Gomes e Aniceto Monteiro; de processos contra escritores, como Aquilino Ribeiro?

Que nos diz esse "defensor" da cultura da prisão de António Sérgio, Jaime Cortezão, Azevedo Gomes, Vieira de Almeida, todos nomes de talhe internacional?

Que nos diz esse "defensor" da cultura da proibição de conferências, como a de Aneurin Bevan, da censura à imprensa, da violação da correspondência, da apreensão de livros enviados do Brasil de autores católicos e de uma editora católica (a "Agrit"), como o de Inácio Lepp ("De Marx a Cristo"), em que narra a sua conversão religiosa?

Que nos diz esse "defensor" da cultura do terrorismo contra a cultura em Portugal?

Felizmente que um Rodrigues Lapa, um Casais Monteiro, um Vitor Ramos,

se encontram nesse Colóquio e falam legitimamente pela cultura portuguesa resgatando um povo e os seus valores perante o povo brasileiro.

São estes homens alguns dos que melhor representam a oposição republicana no Brasil. A dois deles, Vitor Ramos e Casais Monteiro, se deve a fundação e a colaboração constante no órgão "Portugal Democrático", sob a direção firme de Otávio Martins de Moura e, devido a uma equipe que não abandonou o seu posto, continua a combater, dentro de um espírito rigorosamente liberal, o fascismo português.

Esse jornal, que pertence aos republicanos, e continuará sob a direção de republicanos, com a colaboração sempre generosa e valiosa do capitão Sarmiento Pimentel, é dos órgãos que honram a oposição portuguesa e uma tribuna que continuará o seu caminho através de todas as dificuldades.

A presença do sr. Marcelo Caetano no Brasil já está despertando reações como a dos estudantes de São Paulo. Em telegrama enviado ao sr. Heron de Alencar, secretário dos Colóquios Luso-Brasileiros, a diretoria do "Centro XI de Agosto" acentua que o sr. Marcelo Caetano representa "o regime que persegue e tortura os estudantes e professores democráticos portugueses". Assina o telegrama o estudante Luís Carlos Bettiol, presidente do "XI de Agosto".

O sr. Heron de Alencar, intelectual de renome e democrata de convicções bem firmes, embora não possa expulsar o sr. Marcelo Caetano do Colóquio certamente revelará o conteúdo deste telegrama e se não o puder fazer o "Jornal da Bahia" se encarregará de publicá-lo dentro da sua linha de combate ao totalismo que vem fazendo com inteligência e coragem.

A vinda do sr. Marcelo Caetano como "embaixador" da "cultura" portuguesa, e as reações que já está provocando e o mal-estar que criou no Colóquio, mas uma vez demonstra que a comunidade luso-brasileira só pode existir, em termos verdadeiros, e fecundos, se tiver por base a democracia. Um Brasil democrático e um Portugal fascista não podem estabelecer entre si qualquer colóquio.

O COLÓQUIO E A COMUNIDADE

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Cinco anos de vida no Brasil deram-me uma certeza: o intercâmbio cultural luso-brasileiro não pode ser coisa de governos, pela razão evidente de que entre uma democracia e uma ditadura as trocas são impossíveis; porque esta só quer saber de prolongar deste lado do Atlântico a mentira em que se baseia, lá, todo o edifício. Ora, sucede que a cultura não pode alimentar essa mentira. Se o governo português cuidasse seriamente de difundir a cultura nacional, estaria difundido aquilo mesmo que por todos os meios procura abafar, pois cultura e ditadura são termos antitéticos. De modo que o governo português só tem real interesse no intercâmbio de... títulos universitários, de salamaques académicos e de discursos. E, a título de exemplo:

Por toda a parte onde tenho estado, de Porto Alegre a Fortaleza, verifico este fato impressionante: com exceção de S. Paulo, por toda a parte se evidencia a carencia daquela biblioteca que Portugal deveria ter oferecido a cada uma das universidades brasileiras, como demonstração mínima de interesse no tal intercâmbio; mínima... económica. Por aí se devia começar, e com isso o orçamento não se veria em risco de perder aquele celebrado superavit, tão caro à alma do sr. Oliveira Salazar.

E contudo, até a excelente biblioteca oferecida, por exceção, à Universidade de S. Paulo, tem um codicilo suspeito: vem com ela o "presente" de um professor que, por períodos de dois anos, creio, a Universidade de Coimbra renovava. Parece que o último teve de ser recambiado antes da data prevista, de tal maneira o seu reacionarismo lhe criou um ambiente impróprio aos fins supostamente desinteressados da sua escolha. Ora o que se deseja são bibliotecas... sem condições, é a cultura sem mestre, porque o mestre, se escolhido por qualquer entidade portuguesa, mesmo universitária, fica justificado suspeito de ter sido escolhido, não pela sua competência, mas pelas garantias política que oferece.

Há quem se escandalize pelo fato de haver no Brasil intelectuais portugueses que não se restringem às respectivas "especialidades", e que, sendo professores não se limitam a ensinar, sendo poetas não se limitam a fazer versos, sendo pintores não se limitam a pintar... etc. E' que esses intelectuais são

também "especialistas" de outra coisa, se me permitem a ironia: tem a especialidade de ser cidadãos conscientes. Não lhes parece que cumpra a um intelectual ou artista português ignora os problemas dos portugueses, pelo fato de se encontrar no Brasil. E, pelo contrário, essa condição os obriga precisamente a defender o melhor da dignidade nacional não calando o que a sua consciência lhes aponta como irresponsabilidade ou tração por parte dos detentores do poder, ou dos detentores de funções culturais que pelo seu silêncio e aquiescência se tornam afinal politicamente responsáveis e com aqueles solidários.

O problema é, efetivamente, este: aqui no Brasil, onde os intelectuais e professores portugueses são recebidos de braços abertos, não se espera deles que sejam enviados da ditadura, mas representantes da cultura portuguesa. E como podem homens que abdicaram daquela liberdade essencial à autêntica cultura, representar a do seu país? Os que pactuaram com o regime ditatorial tornaram-se convenientes no crime contra a cultura — e só podem ser, aqui, pallidas e tímidas sombras, de cabeça vergada ao peso da sua tração, fugindo à conversa leal, fugindo ignorar o preço por que pagaram as suas cátedras.

E' muito comodo dizer que se é "alheio" à política. Mas como pode um professor ser alheio à demissão dos seus colegas de ontem, cujo valor intelectual não ignora? Como pode ele ser indiferente à censura, à supressão dos mais elementares direitos, às prisões sem outra justificação que a arbitrariedade do poder? Como pode ele admitir que seja da polícia política a última palavra no concurso para uma cátedra? Esse alheamento com que julga poder justificarse, chama-se covardia, e o seu resultado é que ele se torna tão político como o poder que lhe impõe o silêncio.

E' por isso que pomos em dúvida a contribuição que possam dar a qualquer espécie de autêntico intercâmbio cultural luso-brasileiro indivíduos ou instituições que não são livres de debater os problemas da cultura, pois esta se encontra agridão a um sistema de governo que pretende fazer dela expressão do seu reacionarismo, tutelando-o e dirigindo-a. Em vista do que, a palavra coberá em última análise ao medo, e não a opinião.

RODRIGO DE ABREU

A Reforma da Constituição

Pouco antes de se refugiar na Embaixada de Cuba em Lisboa, onde generosa e democraticamente lhe abriram as portas da Liberdade, o dr. Rodrigo de Abreu endereçou ao "deputado" salazarista Carlos Moreira uma interessantíssima "carta aberta" que hoje circula profusamente em Portugal. Um dos exemplares dessa carta acaba de chegar à nossa redação e é com prazer que a publicamos nas colunas de "Portugal Democrático".

Recorda-se que o dr. Rodrigo de Abreu, líder democrático muito conhecido em todo o País e que disfrutava de grande prestígio no Norte, se refugiou na Embaixada de Cuba em 1 de Maio passado. No dia 30 de Abril, a PIDE assaltara, às 9 horas da manhã, os escritórios daquele democrata e o do sr. João Xavier, ambos do Porto. Uma hora antes, atacara a casa do sr. Júlio Nogueira, na esperança de encontrar documentos "subversivos", que não achou.

No escritório do dr. Rodrigo de Abreu, a "gestapo" salazariana arrombou diversas portas, apoderando-se dos discursos proferidos por aquele democrata no decurso da campanha do sr. General Humberto Delgado, e bem assim de documentos estritamente comerciais. A PIDE prendeu, então, os democratas João Xavier, Júlio Nogueira, Joaquim Alves Faria e Jorge, os três últimos empregados do dr. Rodrigo de Abreu, além de um primo, residente em Lisboa, o democrata José Plácido Barbosa. Ejetuou ainda outras prisões, mas, segundo as informações que recebemos, não pudemos ainda identificá-las todas.

Avisado dos assaltos e das prisões, o dr. Rodrigo de Abreu seguiu imediatamente para Lisboa e, apesar de inúmeras barragens estabelecidas nas estradas pela polícia, conseguiu ludibriar a "gestapo", pedindo asilo a Cuba. Podemos divulgar ainda que o ministro de Portugal em Havana, depois de ter tentado comprar os salazaristas é que se vendem, (da polícia de Salazar)! o dr. Rodrigo de Abreu, ameaçou-o por diversas formas. Não queremos deixar passar em silêncio este pormenor, para ele chamado a atenção de todos os democratas portugueses, pois há diplomatas portugueses que estão servindo, não o País, mas a PIDE (é o caso do sr. Manuel Rocheta, que mudou de nome antes de vir para o Brasil e... de casaca).

Eis o que declarou o dr. Rodrigo de Abreu ao "deputado" Carlos Moreira, a propósito da "reforma" constitucional ordenada pelo ditador de Santa Comba Dão-Gare:

"Apresentou V. Exa., juntamente com outros comissionados para defender os interesses do Povo, um projecto de Lei de alteração à Constituição Política Portuguesa.

A formulação de uma tal proposta deixa vislumbrar conseqüências, que só me afiguram contraditórias e perigosas.

Contraditórias, porque, parece-me, tendo sido a Constituição um Documento Construído plebiscitariamente, é de toda a evidência que apenas por idêntico processo ele poderá ser alterado, e não pela vontade isolada e arbitrária de quaisquer indivíduos, por mais qualificados que sejam.

Se foi a Nação, se foi o Povo, que fez a sua declaração de "Voto" para a aprovação de tão notável Documento, é evidente que toda e qualquer modificação estrutural dos seus princípios não pode ser obra descricionária, mas sim resultado espontâneo e livre da mesma vontade coletiva.

O contrário disto poderá ser muito "político", mas não é consentâneo, nem está de harmonia com os fundamentos "éticos" e "urídicos", que devem presidir e se afirma terem presidido ao edifício constitucional. E tanto isto assim é que V. Exa. começa por declarar que existe uma "alma da Nação".

Ora, que é a "alma da Nação" senão a própria "Consciência Nacional", a própria "Fé" e "Tradição" em que vive a sociedade portuguesa, nascida e engrandecida, como V. Exa., muito bem diz, ma-

nifestando-se séria e corajosamente através da História, na realização do seu destino comum?

Não será, portanto, ir contra essa mesma "Fé" e "Tradição" pretender sobrepor um critério individual, ou de uma minoria, ao respeito sagrado por essa mesma "Consciência"?

V. Exa. é Jurista e faz parte da Assembléa Nacional, e deverá recordar-se que há uma outra Assembléa, que é a "Assembléa da Consciência Maioritária", a qual deve ser ouvida, pois representa uma força moral e nacional que se não pode esquecer, nem oprimir como realidade espiritual que é, a projetar-se no mundo dos fenómenos sociais e a determinar natural e evolutivamente as directrizes da existência da pátria.

Tão bem como eu, V. Exa. sabe que foi precisamente essa "Alma da Nação", a "Consciência Nacional", animada pela sua fé profunda e patriótica, que colocou no trono o Rei D. João I, mais tarde o Rei D. João IV, e já quase nos nossos tempos o Rei Soldado D. Pedro IV.

Bastaria isso para demonstrar praticamente, quanto é nefasto, se não impossível, governar em contrário da vontade do Povo, como expressão legítima de autêntica vontade nacional, e isto, para dentro da coerência e da consciência, nós podemos apresentar como defensores dos fundamentos morais da ética cristã, de que V. Exa. é, como eu, defensor.

O Povo alega sem favor os seus representantes, para os quais trabalha, a quem obedece como autoridade, e por quem se sacrifica quando é necessário, sentindo-se mais livre dentro de um cárcere, do que prisioneiro dentro de uma liberdade postergada.

Quanto às conseqüências a que me refiro, caso a iniciativa de V. Exa., e de outros que apareçam, for avante, elas resultam do fato de que, dentro do conceito de Leis especiais a regular o exercício das liberdades não se pode conceder limite à aplicação de tais Leis, uma vez que toda a expressão de pensamento, de trabalho educativo, de espírito associativo, e necessidade de reunião, tudo fica automaticamente, submetido, por natureza, à arbitrariedade e contigência da especialidade e aplicação de tais Leis.

A preverção da opinião pública, a salvaguarda da integridade moral dos cidadãos, não poderá já mais ser objeto da aplicação de Leis especiais, visto que nesse caso não se aplicaria a dos Códigos, da Legislação, da Jurisprudência, e até da Magistratura.

A estes títulos comprovativos do direito incumbido, além dos estabelecimentos educativos, a competência de salvaguardar a integridade moral dos cidadãos e a repressão dos erros da opinião pública.

Segundo V. Exa. pretende, e se deduz das alterações propostas e casos especiais, complicadíssimos e confusos, quando a verdade é que toda a Legislação tem que encaminhar-se no sentido da maior objectividade e clareza possível.

Uma vez elaborados e aprovados os Códigos, com estudo, critério e reflexão profunda, eles são, por si, e não podem deixar de o ser, meios capazes e senhores de toda a competência que não lhe pode ser retirada sob nenhum pretexto.

O espírito de V. Exa. parece estar dominado pela preocupação da Lei especial para tudo e para todos, desde que nem a Imprensa, nem as Empresas, nem as Profissões, nem o Jornalismo lhe escapam, como se a sua "independência" e "dignidade", os seus "direitos" e os seus "deveres" estivessem à mercê do perigo.

Daqui se poderia inferir que no decurso de 33 anos a sociedade portuguesa, em vez de progredir retrogradou moralmente, e se reduziu à situação infantil de uma criança cujos passos é preciso vigiar constantemente — não vá o menino cair ou fazer asneira...

Isto não corresponde à realidade. O Povo Português tem sabido sabido sempre dar provas de civismo, de adulto e

"Não há presos políticos em Portugal" (Salazar)

A força de afirmar que não há presos políticos em Portugal, o serafico professor de Santa Comba é capaz de pensar que as prisões e os campos de concentração do seu regime são colônias de férias. Aliás, não afirmou um dia um seu ministro, muito surpreendido com os protestos contra o Barrajal, que ali até havia para distração, mesas de pingue-pongue e quadras de voleibol?

"Portugal Democrático" publica hoje de acordo com informações chegadas do "paraíso salazariano", uma primeira lista de alguns dos "residentes" nessas "colônias". São eles:

Abel Ferreira da Costa, estudante universitário e líder da JUC; Abel Varzim, padre; Adriano Pereira Botelho, padre; Aida Paula, doméstica; Adelia Teruta, doméstica; Agostinho Saboga, operário; Amadeu de Alcantara, operário; Alvaro Cunhal, advogado; Alvaro Ramos operário; Antonio Caprinha, operário; Alice Leal, operaria; Antonio José de Lima, operário; Americo Pereira, operário; Alberto de Mira Mendes, operário; Antonio Farrica, camponês; Arnaldo Mesquita, advogado; Aida Magro, doméstica; Celestino Ferreira, operário; Carlos Costa, estudante; Carlos Blanquil-engenheiro; David de Carvalho, jornalista; Francisco Miguel, operário; Fernando Cunha, comerciaro; Francisco Pinto, operário; Georgette Ferreira, doméstica; Guilherme Costa Carvalho, estudante; Humberto Lopes, advogado; João Perestrelo de Vasconcelos, padre; Julio Conceição Martins, engenheiro; José Victoriano, operário; Jaime Serra, operário; Joaquim Gomes, operário; Julio Nogueira, comerciaro; João Xavier, comerciaro; Joaquim Carreira, vidreiro; Jorge Araujo, estudante; Joaquim Machado, operário; José dos Santos Fernandes, operário; Joana Mendonça, doméstica; Joaquim Lemos de Oliveira, operário; Luiz de Sousa, operário; Laurinda Saboga, doméstica; Manuel Amador, operário; Marcos Antunes, operário; Manuel Silva, operário; Mario Gonçalves, operário; Mario Dias, operário; Manuel Sanches, operário; Manuel Fiuzza Jr., operário; Manuel Guedes, operário; Manuel Rodrigues, operário; Manuel da Egua, operário; Manuel Serra, jornalista e líder da JOC; Mario Vilaça, advogado; Maria da Conceição Paula, doméstica; Maria da Piedade Gomes, doméstica; Maria Luiza da Costa Dias, doméstica; Oliveira Valença, jornalista; Oscar dos Reis, operário; Pedro Monjardino, médico; Pedro Soares, professor; Rogério de Carvalho, comerciaro; Rolando Verdial, engenheiro; Tomaz de Figueiredo, operário; Vasco Cabral, estudante.



O Embaixador Alvaro Lins é abraçado pelo sr. general Humberto Delgado ao chegar ao Rio de Janeiro. Recordar-se que foi o ilustre diplomata e destacado escritor quem lhe abriu as portas do exílio e da liberdade. Desde então, o sr. Alvaro Lins, que já gozava de grande simpatia nos meios intelectuais portugueses, tornou-se uma das mais populares figuras do Brasil e da nossa Pátria espanhada e amordaçada pela tirania salazarista.

O ALMOCREVE DAS PÊTAS

João Sarmento Pimentel

Não se trata daquele folheto que na primeira década do século XIX se vendia na loja de José Antonio da Silva, livreiro à Praça da Figueira, n.º 22, em Lisboa.

Este é de carne e osso, e aqui no Brasil conhecido pelo "Teotónio do Arroz".

Com edição melhorada em aldrabices e palões, banca agora de viva voz e por via das Vozes (di cá) o "Almoкреve das Pêtas", acrescentando-lhe tal descaramento que me obriga a dizer ao amigo leitor: acredite se quizer. Porque nas manhas e mentirolas de co'io, a tallega diplomática virou fole bem têsto para arriar qualquer dos burros que puxam a mó do Estado Novo, deixando a perder de vista a labia talentosa do padre José Agostinho de Macedo.

Ora acontece que o "Teotónio do Arroz" jurou e garantiu as Vozes (di cá) que a censura em Portugal, só em casos excepcionais.

Vejam os, porém... Ora aconteceu que no jornalzinho da terra da minha mulher vinha uma local onde um senhor daqueles sitios edonicos falava das nascentes do Rio Souza, dando-as como sendo as de um afluente que vem do Val da Refontoura.

Em artigo de erudição pataqueira (quanto bonda) procurei esclarecer o improvisado hidrografo, recordando o conhecimento direto que eu havia adquirido das cabeceiras do Rio Souza nas pescarias com mestre Albino já lá vai mais de meio século, e velhas referencias dos textos de antanho que remontam ao tempo dos Afonsinos.

Pois não é que a prosinha mambembe foi degolada cerce e inteirinha pela censura! Mas o diretor do jornalzinho (que é poeta) não se conformando com a arbitrariedade, reclamou, e conta-me como o fez:

"Efetivamente, tendo sido cortado o artigo sobre o rio Souza, achei uma coisa estranha, e imediatamente telefonei para a Censura, para o Porto. Responderam-me: "o autor está na lista negra. Esse escrito é de procedencia brasileira, e tudo o que é do Brasil é suspeito".

Agradei a atenção e desliguei. Na mesma noite escrevi para a Censura de Lisboa sobre o assunto. Dias depois, talvez (e com certeza) por inspiração da Censura de Lisboa, foi chamado à Censura do Porto. Uma noite, meti-me num carro e compareci.

Disse-me então o sr. coronel Arnaldo Alfredo Fontes, presidente da Censura do Porto: "Todos os escritos, seja o que for, ainda os mais inofensivos, da autoria do sr. capitão João Sarmento serão cortados pela censura portuguesa. O sr. capitão João Sarmento Pi-

mentel faz parte de um grupo que no Brasil está desenvolvendo uma campanha anti-patriótica, chegando ao ponto de pedir uma intervenção estrangeira contra Portugal. Portanto, tudo (seja o que for) que apareça com o nome do sr. João Sarmento Pimentel, será cortado. Não pode escrever em jornais portugueses".

Este Fontes, coronel de profissão e censor de carreira é, certamente, de carregar pela boca, escorva de ouvido marca Teotónio. Almoкреve das Pêtas, que essa de pedir intervenções da estranja é conto surrado e revelho e já não pega.

Toda a gente sabe que nós, muito ao contrario do que diz o coronel analfabeto, temos reclamado em varias occasiões contra a interferencia da Inglaterra e da America do Norte nos assuntos internos de Portugal. Ninguém ignora que no dia em que lhe faltar a proteção daqueles dois grandes países proteção financeira, política e até militar (como manifestações ostensivas de presença de forças armadas nos portos portugueses quando está periclitante a estabilidade da ditadura) nesse dia o Salazar e a caranguejola do Estado Novo estão de pernas para o ar.

Para acabar a ditadura em Portugal não necessitam os portugueses auxilio de ninguém estranho à sua comunidade.

Necessitam sim que esses Fontes testurados, os Pereiras negociastas, a PIDE cangaceira, não recebam os balões de oxigenio que o dolar e a libra lhes proporcionam, pretextando problemas que não são chamados para o interesse maior da Europa Ocidental e hegemonia americana.

Lições de sincero e honesto patriotismo, coragem civica, amor a Portugal e fé no seu destino, nós outros, os lusitanos do grupo de democratas e liberais, podemos dá-las em todos os campos, até naqueles em que os Fontes censores, os Pereiras negociastas e mentirosos, nunca estiveram, quais sejam os do exilio e os de batalha, onde se tempera o caracter, e o coração nunca temeu a ingratidão da Patria que Salazar e toda a sua fauna totalitaria teimam em fazer madrastra do povo portugus.

O Pereira do arroz diz às Vozes (di cá): "estamos a reduzir cada vez mais a intervenção da censura".

Mentira descaradíssima.

Alargar cada vez mais a censura, que agora é exercida na própria correspondência postal e telegrafica, contra a Convenção Internacional de Genebra, é que ele devia ter dito, se quizesse falar a verdade.

Mas não quer, nem pode, nem deve, por honra da firma e respeito ao patrão. E que patrão, santo Deus!

CAMPANHA DE NATAL DO PRESO POLITICO

"Portugal Democrático" está promovendo a Campanha do Natal do Preso Político que se destina a angariar fundos para que, na noite de Natal, haja um pouco mais de pão na mesa das famílias daqueles que, por terem gritado NÃO ao regime que oprime Portugal, estão encarcerados nas prisões salazaristas e impossibilitados de ganharem o sustento para si e para os seus.

É um dever de todos os democratas ajudar as famílias desses homens que puseram a defesa dos seus ideais acima de quaisquer considerações de ordem pessoal.

A Campanha do Natal do Preso Político já recebeu as seguintes contribuições:

	Cr\$
Portugal Democrático ...	1.000
Centre Republicano Português ...	1.000
Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão	1.000
General Humberto Delegado	350
Liberio Costa Lettra ...	1.000
Marinheiro Jr.	1.000
Carlos de Brito	100
José Portela	200
José da Rosa	200
Manuel F. Moura	500
Joaquim O. F. Matias	100

TÊM A PALAVRA OS ESTUDANTES DE PORTUGAL

Da Pátria longínqua mas presente, ajuda espelhada e velípedada, chega-nos o artigo de um estudante universitário português. E' com a maior alegria que todos quantos vêm oferecendo ao jornal "PORTUGAL DEMOCRÁTICO" o melhor do seu esforço, da sua inteligência e do seu patriotismo acolhem este primeiro artigo.

Fica, desde já, permanentemente aberta esta coluna a todos os jovens portugueses que, para lá de inclinações ideológicas, queiram enviar-nos os seus depoimentos, desde que construtivos e impregnados do ideal democrático. Não queremos, com efeito, limitar-nos à publicação do presente artigo: apelamos para todos os estudantes de Portugal que nos remetam, pelos meios que entenderem mais viáveis, as suas declarações sobre o triste Portugal de hoje e o esperançoso Portugal de amanhã.

Porque, não o esqueçam os nossos leitores, embora uma colaboração de escritores e jornalistas, professores universitários, oficiais do exército e, enfim, homens de todas as categorias sociais e com nome bem vincado nos meios intelectuais portugueses, "PORTUGAL DEMOCRÁTICO" é animado, sobretudo, por um grupo de jovens lusitanos que se decidiram a lutar por este meio pela libertação de Portugal, enquanto outros métodos de acção não se revelarem mais oportunos.

A todos os jovens portugueses se oferecem, portanto, as páginas livres e democráticas do único órgão de Imprensa que defende a Pátria martirizada e pode abertamente gritar que QUEREMOS LIBERTAR PORTUGAL!

Eis o artigo que esse leitor fez chegar à redacção de "PORTUGAL DEMOCRÁTICO":

Acabamos de tomar conhecimento da inauguração, no muito apreciado jornal "Portugal Democrático", de uma secção representativa da Academia Brasileira. Não será possível aceitar também a dedicada colaboração das Universidades Portuguesas? Se assim for começaremos por dizer que neste primeiro artigo não nos propomos analisar em profundidade o problema académico em face da actual situação criada e mantida pelo já enfadonho regime ditatorial de Oliveira Salazar. Procuraremos antes, e dentro da medida do possível, relatar um conjunto de factos concretos que impedem os estudantes de personalidade e carácter independente de se ligarem, ou mesmo tolerarem, um governo cujas bases assentam na limitação pura e simples do pensamento e da liberdade absoluta de expressão.

São difamantes, criminosas e vexatórias as atitudes que este famigerado ditador tem tomado através dos tempos ao seio da nossa Universidade. As prisões académicas de 1956, a tentativa do decreto 40.900 e ultimamente as prisões da Faculdade de Economia do Porto, são os privilégios e as bolsas de estudo que ele bondosamente oferece aqueles, por manterem íntegra personalidade e robusta independência, não enfileiram nas hostes da subserviência.

Pretendem talvez os deuses do manó, que lhes agradeçamos a formação dum Centro Universitário absolutamente controlado por representantes do governo (assistentes e professores, que creio se sujeitam a esta situação para facilidade de concursos e aquisição de outras regalias) que nos prendem os mo-

vimentos e a livre acção? Não, jamais agradeceremos uma associação onde se impede a exteriorização das diversas directrizes do pensamento. Sim, porque ali dentro quem concorda é pessoa grada quem discorda inimigo indesejável. Mas não façais alarde do número de sócios do vosso centro porque isso não significa que eles estejam convosco. Assim, uns são-no por necessidade de assistência médica (visto estarem longe das famílias), outros por imposição familiar e grande parte dos restantes procuram já, num gesto de recelo e de impudência, assegurar os futuros e tão desejados "tachos".

Temos nós, estudantes patriotas da Oposição, de penetrar nessas agremiações, gerar nelas a confusão e a sua consequente destruição.

Nós, rapazes de vinte e tal anos, não podemos suportar por mais um minuto que seja esta situação que não nos oferece a liberdade a que aspiramos, que nos obriga, a nós, universitários, a recalcar nossas ideias, a camuflar nosso procedimento e a adaptar atitudes que de modo algum se coadunam com os nossos ideais.

Admite-se, por exemplo, que um grupo de estudantes de um curso superior, como nós somos, passeie por uma rua versando assuntos políticos e haja de calar-se pela aproximação de um simples polícia de segurança pública, de quem não se exige mais do que o diploma de segundo grau e a bestialidade e violência que o caracterizam nas últimas eleições presidenciais?

Colegas, o recelo, o comodismo e a indiferença invadiram o espírito da juventude académica portuguesa, impossibilitando-a de reagir a parcialidades e afrontas verificadas em todos os momentos e em todos os sectores da vida nacional.

Queréis ficar imóveis? Queréis deixar-vos assassinar por um déspota cínico e caquético que nos nega a razão da nossa existência? Não podemos crer que o façais de mãos nos bolsos.

O ambiente, adentro das portas da Universidade, é simplesmente nojento e ridículo. A absoluta desconfiança entre colegas, por vezes do mesmo ano e até de turma, obriga a que as conversas não ultrapassem o âmbito do desporto, projectos de excursões, balles e pouco mais. E é a isto que estamos reduzidos... E' doloroso suportar.

A nossa juventude tem uma moral, uma moral pura e sã, própria da idade, e é de acordo com o sentimento que ela nos inspira que temos de estabelecer, e quanto antes, um plano organizado de acção.

Baseados neste princípio, e cónscios das forças passivas que representamos, apelo para que todos os universitários de boa vontade nos auxiliem nesta luta em prol da democracia, que nos libertará para sempre do tiranete que nos limita o âmbito do pensamento, que retém em suas massmorras centenas de inocentes, que sustenta uma cífala de "tubarões", a par de milhares de boças doentes e sem pão, e, sobretudo, lança o descrédito e envergonha, com suas atitudes, o sublime e tão glorioso nome de PORTUGAL.

(Razões que ninguém desconhece justificam o anonimato).

Congressos dos Democratas Portugueses

Vem despertando grande interesse, no Brasil e no Exterior, a realização, no dia 31 de Janeiro de 1960 do Congresso dos Democratas Portugueses.

Já se receberam algumas adesões. Conforme publicamos no nosso número de agosto, o temario do Congresso é o seguinte:

I — Educação e Cultura. II — Economia (Indústria, Comércio e Agricultura). III Ultramar. IV — História da República. V — Democracia, Liberdade e Direitos do Homem. VI — Comunidade Luso-Brasileira.

Poderão ser examinadas outras teses que, não obedecendo a este temário, possam, todavia, interessar ao futuro da Democracia Portuguesa. Como sabem o Congresso dos Democratas Portugueses é patrocinado pelo "Centro Republicano Português", tendo oferecido já a sua adesão o jornal "Portugal Democrático", a Associação "Humberto Delgado" e o "Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pro-Liberdade de Expressão".

O Executivo do CONGRESSO DOS DEMOCRATAS PORTUGUESES é constituído pelos srs. Paulo de Castro e Victor Ramos (cordenadores), João Sarmiento Pimentel (em representação do Centro Republicano Português), Adolfo Casais Monteiro, Almirante de Andrade, Antonio Amorim, Carlos Cruz, Carneiro Franco, Fernando Correia da Silva, Fernando Lemos, João Alves das Neves, João de Magalhães, Jorge Fidelino de Figueiredo, Manuel Rodrigues Lapa, Maria Archer, Ricardo Seabra e Tito de Miranda.

FALECIMENTOS

Portugal Democrático comunica a seus assinantes e leitores o falecimento, em São Paulo, no passado dia 24 de agosto, de D. Laura da Conceição Neves, mãe do nosso companheiro Carlos Neves, do Conselho de Administração deste jornal. Comunica, outrossim, o falecimento, em Belmonte, Estado da Bahia, do democrata português David de Andrade, devotado propagandista do nosso jornal e dos ideais que ele representa. Natural da freguesia da Tocha, conselho de Cantanhede (Coimbra) era filho de Ellsio Maria de Andrade, que tomou parte ativa no movimento pela implantação da Republica, em 1910.

resto, agentes do salazarismo. Com efeito, em duas associações fascistas, uma de Toronto, outra de Montreal, foi proibida a leitura de "Portugal Democrático". Mas são, felizmente, inúmeros os nossos concidadãos que o lêem. E distribuído aqui, com efeito, um jornal, o "Luso-Canalino" (impresso no Montijo, Portugal!), "dirigido e editado" por um tal Henrique Tavares Bello, que reside em Montreal, que explora os imigrantes portugueses e os ameaça de denúncias à PIDE... Para Montreal, a "gestapo" salazariana mandou o padre Alfredo Camacho, (que publicamente atacou o Bispo do Porto e edita um boletim minegrado ("A Voz do Coração de Maria")), onde, juntamente com explicações sobre o Evangelho, tece grandessollos ao ditador de Santa Comba, ao mesmo tempo que ataca os democratas portugueses.

Oportunamente, denunciaremos à opinião pública os nomes de outros agentes da PIDE que "trabalham" no Canadá. E fazêmo-lo por duas razões: para que os democratas lusos tomem cautela e para que, na devida altura, se lhes peçam contas...

Lembramos, por último, que o sr. Fernando Ciríaco da Cunha acaba de ser designado representante do jornal "Portugal Democrático" no Canadá, levando todos os interessados dirigir-se-lhe para: 14, Bellevue Ave., Toronto, Ontário. E para o próximo número prometemos desde já boas notícias da organização dos democratas portugueses no Canadá.

ARGENTINA

Os portugueses iniciam a luta Buenos Aires — Em assembléa geral, foram eleitos os corpos gerentes da "Associação Democrática Luso-Argentina - General Humberto Delgado".

RODRIGO DE ABREU

de corajoso, Alicerçado por oito séculos de História e de Tradições não se desintegram moralmente com facilidade. Não mereça isso cuidado a V. Exa, nem aos seus correligionários.

Que o Povo tem razão de queixa é um fato, e V. Exa, o reconhece quando diz que deve ser proibida a acumulação de empregos do Estado e de outras entidades. Iguamente V. Exa, pugna pela consecução do menor preço e do maior salário, compatíveis com a justa remuneração dos outros fatores da produção, impedindo desvios para fora das finalidades humanas e sociais que tais fatores devem satisfazer. Reconheço V. Exa, a necessidade de impedir os lucros exagerados e anómalos do capital, concedendo a este um sentido cristão e humano.

Nisto está a Oposição de acordo, com o tem provado sempre. Não é preciso chamar os "Comunistas" a terreiro, e num "slogan" estafadamente repetido, pretender que a Oposição nos seus intuitos patrióticos, nada mais faz do que servir inconscientemente planos subversivos, pois trata-se precisamente do contrário.

O MOVIMENTO NACIONAL INDEPENDENTE, onde cabem todos os portugueses, monárquicos e republicanos, amantes da paz e da concórdia é anti-subversivo e repele toda a subversão.

Subversão é sinonimo de casos e de ruína.

O Povo Português, principalmente aquele que trabalha e sofre, deixava os campos e as oficinas e vinha para as estradas e para as ruas aclamar Sua Excelência o General Humberto Delgado. Esta é a suma realidade, contra a qual esbarram todas as discussões, todos os discursos e artigos subversivos.

?E do conhecimento de V. Exa, que os rurais do Alentejo só ganham para se alimentarem quatro meses no ano?

?Concorda V. Exa, que a Lavoura Nacional, fonte de toda a riqueza, caminha para a ruína iniludível e irreparavelmente?

?Concorda V. Exa, que nesta hora em que se pensa em alargar até ao 9º grau, e tornar obrigatório a todos o Ensino Primário, de modo a colocar o atraso de Portugal no nível dos outros povos europeus, seja tal ensino confiado em tão larga escala a "Regentes", que pouco mais sabem do que ler, escrever e contar?

?Como explicar que indivíduos sem preparação alguma, didáctica nem pedagógica, sejam colocados e obrigados ao desempenho de funções educativas, idênticas aquelas que se exigem de professores especializados?

?Que espécie de instrução e de educação poderá tal escola transmitir, se na base da sua acção se não encontra a sólida preparação científica, moral e cívica?

O papel do Professor Primário transcendente muito do Ensino Secundário, para o qual só se consideram pedagogicamente habilitados indivíduos com Exame de Estado.

Para o Ensino Primário tudo nos dá a ideia de que qual quer indivíduo serve, quando é certo que este ensino é o cadinho que serve de primeiro molde cultural e moral a todos os portugueses.

Gostaria de ver que na Assembléa Nacional, em lugar de propostas a este ou àquele Artº, fossem debatidos, seriamente e em profundidade, este e outros problemas.

Se tão retumbantemente se tem afirmado que a Eleição à Presidência da República foi feita pela maioria esmagadora do Povo Português, e se abertamente se declara que a Nação inteira está com o Governo, a que propósito poderá obedecer a ideia de alterar radicalmente o processo tradicional dessa Eleição?

?Que receios podem justamente fundamentar tão súbita quão infeliz e perigosa resolução?

Não admira, contudo.

Vivemos sob um regime, que dizendo-se republicano, tem monárquicos a conduzir a República e não querem a Monarquia — adaptam o Cesarismo.

Reduzem a zero a representação do Povo, em que dizem terem-se apoiado e sido eleitos.

Impedir que o Povo participe do Governo, coisa é que ninguém poderá julgar ilegítima, mas merecida, justa e legal.

Com decisão firme e leal de soldado, de levar até ao fim com nobreza e dignidade, que o mesmo é dizer com seriedade a sua Candidatura, o Sr. General Humberto Delgado, submeteu o Governo a uma prova inesperada, a que não estava habituado.

Estes elementos responsáveis perante a Oposição desistiam, e nunca levavam o ato até ao fim.

Também agora contava, como flagrantemente as últimas determinações do então Ministro do Interior o provaram, se esperava que o General desistisse.

Certamente, para que de futuro tal surpresa se não possa repetir, pretende o Governo e os partidários de V. Exa, acelerar a modificação constitucional, mediante um paradoxal e contraditório processo.

Como se não bastassem já as anteriores modificações introduzidas, iremos agora assistir a uma alteração, que nega implicitamente, o fundamento plebiscitário da primeira, e em que o Povo, a Nação, a Consciência Nacional, são postas de lado, cedendo o seu lugar a grupos politicamente organizados, como por exemplo a União Nacional e a Causa Monárquica, incumbidos de nomear os tais Representantes.

?Terá V. Exa, pensado, por um momento, nas terríveis e fatais consequências, que daí poderão advir?

Se um dia a História é cheia de surpresas forças oligárquicas conquistarem as posições orgânicas, em que assenta a autoridade e o poder, nós deixaríamos de estar em "Ditadura", para passar à Tirania, com todas as violências e atentados, resultantes de tão nefasto regime.

É grande nesta hora, e justificado o sobressalto do Povo Português, e todos aqueles que serenamente observam as iniquidades do Povo e verificam à luz de realidades inofismáveis as suas necessidades materiais e espirituais.

Presentemente há uma cisão entre aqueles que querem impor um Governo à força, sobrepondo em tudo o político ao económico, e apelidando de subversivos os que lutam com desassombro e lealdade pela instauração de uma situação nacional, que seja de fato a expressão livre e voluntária da consciência da Nação. Isto seria, e pode conseguir-se, a colaboração franca e fraterna, que já - tempo de realizar, para essa triste cisão desaparecer.

Se se não quiser desrespeitar o Povo, tal objetivo é realizável e a Nação Portuguesa retomará o seu destino histórico, com dignidade, coragem e confiança.

Este tem sido e será sempre o objectivo patriótico da Oposição, que não pactua nem colabora com sofismas, e está convicta de que o Povo Português é o verdadeiro fundamento da Pátria, digno de respeito e de amparo.

Apenas pela atuação progressiva do sacrifício do Povo, a Nação se engrandece, à medida que a população aumenta, e os problemas económicos são naturalmente colocados, primordialmente, como ponto de partida, para todas as soluções.

A política, como política, e pela política fez o seu tempo.

Um Mundo Novo surge e há uma sociedade nova que se levanta como resultado não de tendências subversivas, mas do próprio desenvolvimento, gigantesco e permanente, da técnica, da ciência, da indústria e da população.

Avizinhandose, como já publicamente foi anunciado, uma manifestação de carácter nacional, ao Senhor Presidente do Conselho, de esperar seria que tal consagração fosse de fato a expressão de um apoio popular, livre e espontâneo, idêntico àquele, que se verificou ter sido feito, do Norte a Sul do País, ao Senhor General Humberto Delgado.

Tão grandioso ele foi, que houve necessidade de se interromperem cortejos, desviar itinerários e impedir a visita a Braga.

Os Funcionários Públicos são obrigados a obedecer e a comparecer. Em consciência a Oposição compreende tal ato, e se da atitude do Governo a Oposição

OS PORTUGUESES ESPALHADOS PELO MUNDO...

Estão, com efeito, a estabelecer-se os primeiros contactos entre os portugueses e é muito possível que num futuro não muito longínquo possamos anunciar aos leitores deste corajoso órgão da Democracia Portuguesa a criação de um núcleo de portugueses anti-salazaristas no de Montevideo, publica regularmente uma Urugual.

Aproveitamos, aliás, a oportunidade para esclarecer que o jornal "Voluntad", secção, intitulada "Notícias de Portugal", através da qual se está desmascarando a criminosa acção de Salazar contra o Povo Português. Dessas notícias, recortamos as seguintes:

1) Na prisão de Casias, enlouqueceu o advogado Arnaldo Mesquita, depois de um "tratamento" que a polícia lhe aplicou;

2) A diversas organizações democráticas brasileiras que se pronunciaram desfavoravelmente sobre o regime "paternalista" de Salazar, estão sendo enviadas de Lisboa cartas insultosas (e anónimas).

3) De um modo geral, toda a correspondência chegada do estrangeiro a Lisboa é aberta e lida por agentes da PIDE, nomeadamente a que é remetida de França e dos países latino-americanos.

CANADÁ

O jornal que reúne os democratas portugueses

Toronto — Os números de Julho e Agosto do "Portugal Democrático" chegaram ao Canadá e incendiaram o rastilho... Foram inúmeros os nossos compatriotas que procuraram os responsáveis pelo Comité Democrático Português a fim de comunicarem a sua entusiástica adesão.

Aconteceu, até, que diversos grupos isolados de portugueses pensavam já na fundação de associações congêneres só não tendo feito ainda por falta de mais amplas ligações entre a "colónia". Destes modo, através de "Portugal Democrático" estabeleceram-se os contactos.

Desde então, já se realizaram diversas reuniões e a algumas destas assistiram pessoas que não se conheciam, embora todas estivessem animados pelo mesmo ideal democrático e anseassem pelo restabelecimento das liberdades fundamentais em nossa terra. Podemos anunciar, portanto, aos nossos amigos de todo o Mundo que os portugueses do Canadá vão engrossar, sólidamente, as fileiras da Democracia Lusitana.

A notícia da criação de um organismo democrático português foi bem recebida neste país livre, onde atuam, de

DESESPERADO E...

Enfrentar o Mundo!
Seria de reventar de riso se o jogo não escandesse traiçoeiramente o germe da catástrofe. Sim, porque não há explicação para tal loucura... Ou pensação, caso se velam perdidos, em entregar Portugal a Franco?!

Infelizmente, a pavorosa idéia não é tão inverosímil como pode parecer à primeira vista. Não é só o acordo de auxílio mútuo que a torna viável. Há alusões veladas que se ouvem, aqui e acolá, da boca dos responsáveis, confirmando o terrível receio que queima o corpo da Nação como um ferro em brasa.

Se as consequências não foram mais longe ainda, é porque o Mundo sabe que a Nação Portuguesa repudia a paranoia dos tiranos que, usurpando o poder contra a vontade nacional, queimam os últimos cartuchos no desespero da expulsão iminente.

Mas que cartuchos!...
A falta de melhor, continua a música sensaborona da desordem dos partidos há quarenta anos!... E' como se Felipe III, em vésperas de 1640, quisesse justificar a continuação no trono português com o desastre de Alcacer-Quibir.

Diga-se de passagem que os 60 anos de domínio espanhol, ao pé dos 33 anos de tirania PIDESCA (Polícia Política), foram simplesmente benignos. Esta política, — segundo se diz e não custa a acreditar dando as exorbitantes cifras disponíveis — é das mais aperfeiçoadas de mundo. Mas enquanto os outros países a empregam contra o inimigo externo, aqui se aproveitam para uso interno, contra o pacífico cidadão que tem a "execrando" atrevimento de não navegar nas águas do Partido Único. Confrontando os 60 anos da época de Saiscentos, cujas funestas consequências ainda sentimos três séculos depois, com os 33 anos PIDESCOS, agora que o tempo se mede por segundos, quantos séculos levaria para o país pagar esta aventura!

Serão precisos mais motivos para justificar o pânico nas consciências bem formadas? E' porventura, um problema trivial de política ou é, realmente, Política, com P maiúsculo, de salvar Portugal?

Sobretudo à consciência do militar o drama surge angustioso, obrigado pela disciplina a não intervir na política, mas, ao mesmo tempo, sentindo todo o opróbrio da acusação que lhe pesa como responsável pela continuação da Ditadura.

Que espanta, pois, que as masmorras se encham de presos políticos em um País onde a Honra e o Carater são os bens mais preciosos?

Tudo isto porque um homem embriagado pela lisonja interessada da camarilha de Cresos, indiferente ou insensível à tortura que esmaga a Nação, se obstina em desunir os Portugueses com o machado da PIDE e a moçada da Censura.

Mas as forças naturais seguem inexoravelmente seu curso. Os homens livres de Portugal, dentro de breves dias, não mais terão que viver long da Pátria amada.

RODRIGO DE ABREU...

puder sair concretamente um princípio estável e de pacificação para a Família Portuguesa, creia V. Exa. que a Oposição nada teria a opor e só se regosijaria com isso. Mas enquanto os graves problemas da hora presente, continuam a agravar-se cada vez mais, e a situação real do Povo, assim o demonstrar praticamente, nós continuaremos a lutar firme e lealmente pelo bem do Povo, que o mesmo é dizer a bem da Nação.

Não queira V. Exa. ver nas minhas palavras, qualquer acinte propositado de polémica ou de hostilidade.

Compete a V. Exa. defender na Assembleia Nacional os interesses e as sugestões do Povo, e eu peço se digno fazer presente à mesma Assembleia este documento, que com elevada consideração subscrevo.

Porto, 15 de Abril de 1959 a) Rodrigo de Abreu".

CASAIIS MONTEIRO DIZ...

OPOSIÇÃO NO BRASIL

"No Brasil há um grande número de gente da esquerda (exilados políticos) e gente de outras facções, mas todos só têm uma aspiração: derrubar a ditadura de Portugal. Há o respeito mútuo entre as diversas tendências. Delgado não é o chefe político mas uma força que agiu em determinado momento.

Escritores e jornalistas portugueses mantêm em S. Paulo um jornal que é o porta-voz da oposição; trata-se de "Portugal Democrático", mensário da oposição no Brasil".

O CASO AQUILINO RIBEIRO

Toda a imprensa noticiou o processo de que foi vítima o escritor Aquilino Ribeiro. Eis a razão do mesmo, segundo Casais Monteiro:

"Aquilino Ribeiro publicou o romance "Quando os Lobos Uivam" que não sai de maneira nenhuma dos seus temas habituais. Personagens serranos cujo habitat é a serra. Há um tema político no romance. O escritor trata do restamento da serra feito por métodos tirânicos e na ignorância total dos interesses dos habitantes. Estes rebelam-se e são presos e julgados como se fossem políticos. Metem-se entre eles operários para identificá-los melhor como "comunistas".

Isto dá a oportunidade para Aquilino escrever um capítulo que lhe valeu um processo. No livro descreve com habilidade todo o processo mostrando a técnica fascista do mesmo, fazendo um retrato crítico da magistratura portuguesa que não deve ter gostado disso. O romance foi publicado com enorme sucesso. A justiça instaura então um processo contra Aquilino e manda interditar nova edição do romance. O livro foi lançado no Brasil com um prefácio de minha autoria com a finalidade de mostrar ao leitor brasileiro não somente a significação da obra do romancista mas o interesse especial deste seu último livro. Obra de um escritor que já chegou aos 70 anos e é levado pela própria força dos fatos a fazer uma obra de implicações políticas diferente das que escrevera até hoje".

A COLONIA PORTUGUESA

Diz Casais Monteiro — a quem a colônia portuguesa residente nesta cidade ofereceu um almôço no Náutico — que ela não sofre de salazarismo agudo, e vê na mesma, gente progressista e independente. O que não sucede no Rio, onde há jornais portugueses pagos pelo governo português para mentir. Ponto de vista do escritor: a colônia portuguesa residente no Brasil deve ficar na neutralidade, a oposição não quer a sua adesão, deseja penas que permaneça neutra. Deve-se compreender que ser português não é ser salazarista. Lembra a propósito a carta do Bispo do Porto que diz: "um católico não pode ser salazarista".

RELAÇÕES CULTURAIS

"Infelizmente — conclui Casais Monteiro — hoje as relações entre Portugal e Brasil não podem contar com a participação do lado português, desde que este apenas se vê a sua propaganda de mentiras. Os intelectuais portugueses desejam colaborar com o Brasil e põem a sua cultura a serviço deste país. Assim é que inúmeros nomes das letras e artes portuguesas têm se refugiado neste país, onde há realmente democracia e liberdade. Nossa missão é conseguir atrair para o Brasil intelectuais portugueses de formação universitária que estão proibidos de exercer as suas atividades na sua terra natal".

ATO PUBLICO PRO ANISTIA DOS PRESOS POLITICOS ESPANHOIS E PORTUGUESES

Convidamos os Portugueses residentes nesta Capital, seus amigos e seus familiares para participar do GRANDE ATO PUBLICO que será realizado no dia 27 de Setembro corrente, com início às 9 horas, no Cine Teatro Paramount, na Avenida Brigadeiro Luís Antonio, promovido por brasileiros, com a finalidade de pleitear providências diplomáticas do Governo do Brasil em favor da liberdade dos presos políticos espanhóis e portugueses.

que o povo se sintá ditador e se sintá povo". Quanta demagogia! E não parava aí o sr. Antonio Ferro, que prosseguia: "Precisamos de um Estado tão forte, que não haja necessidade de violência". Essas "arengas" do sr. Antonio Ferro eram muito interessantes nos tempos da ditadura, em que o caudilho da fronteira comprava as consciências e assassinava os ideais da juventude.

Há alguns anos, quando Salazar completava 13 anos à frente do ditadorial de Portugal, o presidente do Conselho afirmava num discurso, em praça pública "Confiemos nos valores da nossa história e nos ideais da nossa civilização, que as armas não matam e que o fogo não pode apagar." Quanta hipocrisia do chefe do governo português, que se esquece que foi justamente o seu tirânico regime que empanou o brilho da civilização portuguesa perante o mundo e matou, em vida, em todos os seus ideais, a mocidade universitária portuguesa, o que resta agora para servir de exemplo ao mundo dos últimos acontecimentos da História portuguesa? Nada. Apenas o exemplo de milhões de cidadãos portugueses que continuam analfabetos, para melhor ignorarem as indecências do regime.

Os estudantes do Largo de São Francisco, fieis aos seus ideais democráticos, protestam veementemente contra a presença no Brasil do sr. Marcelo Caetano, perseguidor de brilhantes intelectuais democráticos portugueses e traidor dos ideais da juventude universitária da nação lusa, a qual lhe competia instruir e orientar no caminho da democracia e da defesa das nobres e elevadas tradições de liberdade da história do País irmão".

O COLÓQUIO E A...

O que pode interessar à cultura brasileira é a colaboração desinteressada de intelectuais portugueses, universitários ou não, que possam debater problemas comuns — e que queiram "dar", sabendo "receber". O Brasil não precisa de lições, mas quer uma cooperação que todavia só pode ser benéfica para ambas as culturas se as Universidades e os intelectuais portugueses vierem aqui em seu próprio nome, representando uma cultura e não um governo.

Não é para admirar que aumente constantemente o número de professores portugueses em Universidades e outras Escolas do Brasil, sabendo-se quantos, em Portugal, se acham impedidos de exercer a sua atividade em estabelecimentos de ensino. Esse é talvez o maior serviço prestado pelo Brasil à cultura portuguesa, pois permitindo que não se estiolem vocações em Portugal desviadas do seu curso normal. O Brasil não pergunta aos professores quais são as suas opiniões políticas, e só quer saber da qualidade da colaboração que lhe podem trazer esses professores, seja qual for a sua nacionalidade. E' exatamente uma lição que proponho à meditação dos representantes oficiais portugueses que, no próximo Colóquio, terão oportunidade para aprender alguma coisa sobre a maneira como no Brasil se promove a cultura e se orienta a educação.

E' de lamentar que no Brasil se duvide da isenção de representantes da cultura portuguesa que o são ao mesmo tempo dum governo que deu provas em demasia de não respeitar nem a liberdade do ensino, nem a liberdade da cultura. Mas a dúvida é infelizmente justificada. Pergunta-se, compreensivelmente, como pode haver diálogo entre um povo livre e um povo de boca tapada. Os mais otimistas acham, com encantadora ingenuidade, que, sendo a cultura desinteressada, esse problema está fora de questão. Mas isto é o mesmo que supor a total separação entre um povo e a sua cultura. Admitir que uma ditadura não prejudica a "alta" cultura equivale a considerar esta última um puro bizantinismo; supor a sua isenção é descrever da sua realidade, é ver na cultura um devaneio sem consequências nem implicações... E', sobretudo, comoda hipocrisia de que vê alguma vantagem em fechar os olhos à evidência...

Estarão presentes a esse ato autoridades federais, estaduais, municipais e eclesiásticas, parlamentares, componentes de organizações sindicais, estudantes, femininas, religiosas intelectuais, e de Associações de Baim, bem como pessoas do povo em geral.

Abrilhanarão o ato, artistas das três Nações irmãs — Brasil, Espanha e Portugal, que apresentarão numeros folclóricos desses países.

NO «PARAISO» DE...

qualquer outra nação governada por homens e não por serem sobrenaturais, também em Portugal alguma coisa não corre bem; aqui e acolá cheira a podre e cadáver. E' preciso, cortar, limpar, sarar, endireitar".

E' um Povo saturado e martirizado que acorda do longo sono narcotizado. E' a Hora que se aproxima!

E POR FALAR NO TOMÁS...

Houve quem pensasse (santa ingenuidade!) que a "nomeação" do Tomás tinha tendência para extinguir-se. A percentagem de assistência a missa de domingo na diocese de Lisboa era de 17,2%. Para o conjunto do País, o absentismo religioso atingia 90% da população masculina.

Foi sobretudo, a partir do 1956 que alguns bispos começaram a afirmar com insistência que a sorte da Igreja não estava ligada à do regime. Numa alocução pronunciada em Novembro de 1956, o Cardeal Cerejeira reclamava o reconhecimento da escola privada. Em 1957, o Bispo do Porto, Rev. António Ferreira Gomes, insiste sobre a urgência de "desproletarizar" as massas rurais, pede "uma situação que tenha por objectivo a equidade entre os componentes da comunidade nacional". Acrescenta que "há um ponto em que católicos e marxistas podem encontrar-se: na crítica e análise corajosa e implacável do nosso tempo...".

Em Julho do mesmo ano o Rev. Ferreira condena a política absolutista do monopólio escolar dos poderes publicos e pede um desenvolvimento do ensino a favor das classes populares. Em Junho de 1958, quando da campanha para as eleições presidenciais, o mesmo Bispo ataca o próprio regime: "devemos ser francos, talvez mesmo brutais: o corporativismo português foi na realidade um meio de privar os operários do direito natural de associação. Por não termos tomado uma posição clara sobre os problemas vitais do País, acrescenta, a Igreja está prestes a perder a confiança das suas melhores tropas: as velhas legiões praticantes e a juventude da Acção Católica.

ANONIMAMENTE

ULYSSES

OS PORTUGUESES ESPALHADOS

Para o cargo de presidente foi designado o sr. Manuel Nunes, sendo vice-presidente o sr. José Coelho, secretário o sr. Jorge António, tesoureiro o sr. Manuel Vicente Guerra, Vogais os srs. Domingos Carvalhosa, José Neto, Joaquim Pimentel, Luís José de Sousa Cantas, Manuel da Silva, João Piedade Pereira e António Vinhas. Provisoriamente, a sede da Associação Democrática Luso Argentina ficou instalada na Avenida Cazon 151 — Tigre — Província de Buenos Aires.

A todos os democratas portugueses que residam na Argentina, e bem assim aos democratas portugueses em geral, se solicita, no sentido de se fazer da Associação Democrática Luso-Argentina um organismo vivo e poderoso da luta contra a ditadura fascista de Salazar.

Informamos, por outro lado, que foi designado representante do jornal "Portugal Democrático" na Argentina o sr. Jorge António, a quem devem dirigir-se todos aqueles que pretendam assinar o todos aqueles que pretendam assinar o órgão da resistência anti-salazarista. O endereço do novo colaborador "Portugal Democrático" é o seguinte: Jorge António — General Hornos, nº 1.000 — Caseros Sud — Província de Buenos Aires, Argentina.

FRANÇA

PARIS — Fundado muito recentemente, o "Movimento para Defesa das Liberdades em Portugal" já se vem destacando pela intensa atividade de seus participantes.

Não só divulga junto da imprensa francesa as notícias que recebe sobre perseguições movidas pelo regime de Salazar à oposição portuguesa, como procura também amparar as vítimas da opressão salazarista, quer e encontrem ainda nas prisões portuguesas, quer depois, quando consigam fugir para o Exterior. Ao mesmo tempo, divulga junto da colônia portuguesa, constituída em número considerável por operários, as atividades da oposição anti-salazarista no Brasil e outros países das Americas.

O importante jornal "Témoignage Chrétien" ocupava-se recentemente da perseguição de que são vítimas os católicos portugueses — inclusive sacerdotes — que dizem "não" à ditadura paternalista de Salazar.

A princípio apoiando a política de Salazar, o clero português foi pouco a pouco, compreendendo que o regime português era só católico de fachada, e que de maneira alguma o era nos métodos e processos de governo. A esse respeito, transcrevemos este trecho que nos parece bem elucidativo, e que é da autoria do conhecido comentarista católico Philippe Lefevre:

"Estes sentimentos começaram a modificar-se à medida que o clero verificava que o regime procurava explorar o tradicionalismo religioso em proveito de uma plutocracia em vez de procurar edificar uma ordem social verdadeiramente cristã. A partir de 1950, alguns padres fizeram sondagens de sociologia religiosa e descobriram que, em vez de aproximar o povo da religião, o apoio dado a Igreja por Salazar contribuía para o afastar. As realizações económicas e sociais do regime eram praticamente nulas; a venalidade reinava nos meios dirigentes; as liberdades fundamentais não eram respeitadas; a miséria das massas era maior que sob o regime republicano. Resultado: o reencendimento das práticas religiosas verificou a seguir às aparições de Fátima tinha tendência para extinguir-se. A percentagem de assistência a missa de domingo na diocese de Lisboa era de 17,2%. Para o conjunto do País, o absentismo religioso atingia 90% da população masculina.

Foi sobretudo, a partir do 1956 que alguns bispos começaram a afirmar com insistência que a sorte da Igreja não estava ligada à do regime. Numa alocução pronunciada em Novembro de 1956, o Cardeal Cerejeira reclamava o reconhecimento da escola privada. Em 1957, o Bispo do Porto, Rev. António Ferreira Gomes, insiste sobre a urgência de "desproletarizar" as massas rurais, pede "uma situação que tenha por objectivo a equidade entre os componentes da comunidade nacional". Acrescenta que "há um ponto em que católicos e marxistas podem encontrar-se: na crítica e análise corajosa e implacável do nosso tempo...".

Em Julho do mesmo ano o Rev. Ferreira condena a política absolutista do monopólio escolar dos poderes publicos e pede um desenvolvimento do ensino a favor das classes populares. Em Junho de 1958, quando da campanha para as eleições presidenciais, o mesmo Bispo ataca o próprio regime: "devemos ser francos, talvez mesmo brutais: o corporativismo português foi na realidade um meio de privar os operários do direito natural de associação. Por não termos tomado uma posição clara sobre os problemas vitais do País, acrescenta, a Igreja está prestes a perder a confiança das suas melhores tropas: as velhas legiões praticantes e a juventude da Acção Católica.

LUTA ABERTA

A luta aberta travou-se em publico "certos católicos que se esforçam por romper a unidade do Partido de União Nacional" — partido único português. A resposta oficial da Igreja veio em Janeiro, sob a forma duma carta pastoral colectiva do episcopado português. Nesse documento, os bispos lembravam que os católicos são individualmente livres "sob sua inteira responsabilidade, de optar pela acção política e social de sua escolha. Isto equivale a encorajar, contra Salazar e o seu partido único, toda a juventude cristã desejosa de se ver numa formação política de sua própria escolha e nela militar por uma concepção da sociedade e da política diferente do salazarismo".

Para evitar qualquer interpretação errônea, publicamente se esclarece que os correspondentes deste jornal não são, necessariamente, as pessoas indicadas como representantes, quer no Brasil, quer noutros países. As notícias são redigidas nesta Redação, de acordo com os elementos chegados de diversas procedências. Os representantes locais de "Portugal Democrático" têm apenas como missão específica a divulgação do jornal. Só o Conselho de Redação é responsável por todos os artigos e notas não assinados.

Quando os Lobos Uivam
Romance de Aquilino Ribeiro
A Cr\$ 180,00
Pedidos à administração de "Portugal Democrático"

OS PORTUGUESES ESPALHADOS PELO MUNDO NA BATALHA CONTRA SALAZAR

(Dos correspondentes especiais de «Portugal Democrático»)

Lisboa — A "gestapo" lusa não abranda na sua miserável tarefa de prender aqueles que, por qualquer meio (e bem mínimos) são os que restam aos portugueses), afirmam o seu desagrado pelo regime ditatorial que os oprime.

É impressionante o número de pessoas que se encontram nas masmorras de Salazar (1) e a esse número já elevado outras prisões se juntam, diariamente. Sabemos que o democrata Manuel Serra, preso em Março findo, foi barbaramente espancado, pelo que teve de ser hospitalizado. Informam-nos de que os agentes da polícia salazarista lhe partiram quase todos os dentes, pormenor que revela bem os requintes de crueldade utilizados pelos mercenários do mestre do fascismo luso.

Aliás, a tortura voltou a ser norma corrente nos cárceres do grande inquisidor. O jovem escritor Franco de Sousa (autor do livro de novelas "As raízes deram troncos") foi submetido a interrogatórios ininterruptos em períodos diversos de 48 horas. Não o deixavam dormir. Encontra-se gravemente doente no forte de Caxias, podendo assinalar-se que nas agressões contra aquele intelectual se destacou singularmente o agente Mortágua (um nome a reter, com vista ao futuro). Franco de Sousa sofre de afecção cardíaca. A polícia não tem provas de qualquer atividade contra o regime, mas apenas suspeitas. Entretanto, tortura...

Anuncia-se, por outro lado, que se prepara o julgamento dos militares que tomaram parte na intentona de 12 de Março. Os "juizes" preparam-se também para condenar (em Outubro) o grande escritor Aquilino Ribeiro. Convocado recentemente ao tribunal da Boa Hora, um "juiz" de 28 anos) perguntou ao romancista de "Quando os Lobos Uivam" (72 anos): "— O sr. considerava-se português antes de escrever

vros de poemas "O vagabundo decepado" e "Viagem com o teu rosto".

Finalmente, para darmos uma ideia, apesar de incompleta, da vida portuguesa citamos o último discurso do ministro do Exército, Almeida Fernandes, que declarou: "Existe uma forte probabilidade de termos de enfrentar, dentro de curto prazo, situações que poderão colocar em jogo os sagrados interesses da Nação". O ministro fascista referia-se à hipótese de uma sublevação militar, quer na Metrópole, quer no Ultramar, onde o descontentamento é cada vez maior.

Encerrando a nossa correspondência, informamos que foram chamados à PIDE — um por um — todos os subscritores da representação dos católicos ao presidente do Conselho. Alguns deles encontram-se presos. Por último, comunicamos que já foi publicado o segundo livro do eng. Cunha Leal sobre os escândalos da "Companhia dos Diamantes de Angola"; o livro tem sido avidamente procurado.

(1) Vidé a nota que publicamos neste número do nosso jornal, intitulada "Não há presos políticos em Portugal".

A PIDE MATA 12 PESSOAS

Porto — Ao tentar dispersar um ajuntamento de operários que trabalhavam numa fábrica metalúrgica nas Antas, a polícia política já foi recebida hostilmente. Os trabalhadores resistiram e chegou a travar-se luta, embora estes acabassem, fatalmente, por ser dominados.

Durante o conflito, ouviram-se gritos de "Viva Portugal Democrático! Queremos eleições livres! Abaixo Salazar!". Os primeiros agentes da polícia que se aventuraram por entre os manifestantes foram atacados com extrema violência e 5 deles linchados. Porém, com a chegada de reforços, a polícia matou a tiro 10 civis. Ignora-se o número exacto de feridos, mas sabe-se que foi elevado,

Xavier, Joaquim Alves de Faria, Jorge e João Plácido Barbosa.

Estudantes atacam a polícia

Coimbra — Centenas de estudantes reuniram-se em assembleia magna, apesar da oposição do Reitor e do presidente da "Associação Académica de Coimbra" (ambos notoriamente ligados ao governo), a fim de protestarem contra a prisão de alguns dos seus colegas.

Foram enviados telegramas de protesto à "Assembleia Nacional", assim como aos ministros do Interior, da Educação e da Presidência, solicitando a libertação rápida dos universitários presos.

Agentes da PIDE que tentavam prender dois estudantes foram impedidos de levar a cabo o seu intento por outros estudantes, não se verificando, nesta oportunidade, nenhuma prisão. De um modo geral, embora persista o medo, o ambiente é cada vez mais francamente hostil a Salazar. Por ter tomado atitudes que os universitários consideraram favoráveis ao ditador, o presidente da AAC foi obrigado a demitir-se.

Entretanto, alguns estudantes mostram-se decididos a lutar, por todos os meios, contra a asfixia que cada vez mais se faz sentir na velha Universidade, pois há informações seguras de que a PIDE colocou mais alguns dos seus agentes como espíões no meio estudantil, fato que está causando a maior repulsa.

GUINÉ

7 MORTOS E 8 FERIDOS

Bissau — A situação, que já era grave, agravou-se nas últimas semanas, depois de sérios incidentes que se verificaram entre indígenas e a polícia.

As causas foram, ainda uma vez mais, as de sempre. A política de baixo colonialismo de Salazar, nomeadamente o trabalho obrigatório, provocou manifestações de nativos. Violentamente, como sempre, a polícia interveio, mas os manifestantes reagiram. O resultado foi que houve 7 mortos e oito feridos, estes tão gravemente que foram hospitalizados, sob prisão.

As brutalidades dos policiais provocaram a maior repulsa entre a população branca e negra; é certo que não houve, desde então, novas manifestações, mas só por que todos sabem que a polícia atira para matar.

Reina um ambiente de grande nervosismo na Guiné Portuguesa e admite-se geralmente a possibilidade de novos tumultos. A polícia foi reforçada com elementos chegados da Metrópole. Porém, dada a prática de tais métodos, a população, mesmo a mais moderada, começa a recear sangrentos distúrbios.

ANGOLA

Cinquenta prisões

Luanda — A visita que o ministro do Ultramar teve o condão de apaziguar os ânimos, muito pelo contrário. A efervescência, isto é, o repúdio ao regime fascista de Lisboa é cada vez mais claro.

Ao mesmo tempo, sucedem-se as declarações oficiais, ora pessimistas, ora optimistas. Enquanto para tudo é paz, satisfação e abundância, para o governador Sá Viana Rebelo sequaz do ultra-monárquico Santos Costa, que para aqui o mandou, o ministro do Exército mostra-se aflito com o descontentamento que lavra por toda a Província de Angola.

Por seu turno, a PIDE mantém-se numa ação nunca igualada. Efetuou, nas últimas semanas, 50 prisões, fazendo correr a notícia de que as pessoas encarceradas desenvolviam "atividades separatistas". De concreto, porém, não conseguiu provar fosse o que fosse contra os presos, a não ser que muito deles são conhecidos pelas suas ideias liberais. É o caso, nomeadamente, do eng.º Kalazans Duarte, do arquitecto Veloso e do dr. Eugénio Ferreira, personalidades muito conhecidas e estimadas na capital angolana.

MOÇAMBIQUE

Frieza na recepção ao ministro

Lourenço Marques — Ao contrário do que noticiou a Imprensa local e as

agências fascistas "ANI" e "Lusitânia", o ministro do Ultramar foi recebido com solene desprezo pelos habitantes desta Capital. Apesar dos incitamentos dos jornais censurados e das autoridades salazaristas, raras foram as pessoas que enfeitaram as casas situadas nas artérias por onde passou o mensageiro de Salazar.

De resto, veladas ou claras, muitas reclamações se fizeram ao contra-almirante Vasco L. Alves. É evidente que bem poucos se atreveram a formular-lhe requerimentos de contedo político, mas, pelo menos, fizeram-lhe sentir que Moçambique está atravessando uma crise económica agudíssima, em vista das catastróficas directivas emanadas de Lisboa.

Quanto ao mais, estão surgindo, agora, manifestações várias de racismo. O caso mais flagrante foi o sucedido com José Craveirinho, poeta e jornalista, afastado do jornal "Notícias", de Lourenço Marques, por ser inteligente e... mulato! Craveirinho figura numa antologia de poetas negros em tempos editada em Paris (com, entre outros, Noémia de Sousa, "exilada" em Lisboa).

BRASIL

Apoio ao "Portugal Democrático"

Porto Alegre — Da penetração do órgão do movimento anti-salazarista no Mundo, fala o artigo que o escritor e jornalista Adel Carvalho publicou no jornal "Folha da Tarde" (20.8), sob o título "Portugal" e do qual extrairmos a seguinte passagem:

"(...) Portugal não poderia furtar-se às influências mundiais do espírito democrático. E como não podem ainda os seus líderes democráticos agir no próprio território, dominado por uma ditadura compressora das liberdades de pensamento e de expressão, refugiam-se em países outros, os quais, ao amparo de instituições livres, possa levantar a bandeira das reivindicações democráticas e arremeter aliados que os ajudem na tarefa libertadora da velha pátria.

"Agora mesmo (...) tive o agradável ensejo de ler um exemplar desse órgão de luta (o "Portugal Democrático") que se edita em São Paulo e conta com a colaboração de eminentes personalidades lusitanas (...). Para essa gente de boa fé e de louvável interesse pela lusitana será conveniente a leitura de periódicos como "Portugal Democrático", que contam a verdade e defendem com galhardia os ideais libertadores, visando tirar a nação da opressão da direita, sem contudo jogá-la ao despotismo comunista".

Aproveita-se o ensejo para comunicar que o representante de "Portugal Democrático" em Porto Alegre (Caixa Postal 413) é o sr. Luís Firmino de Vilhena, a quem devem dirigir-se todos os que desejem assinar o nosso jornal e residam no Estado do Rio Grande do Sul.

VENEZUELA

Proibidos dois jornais salazaristas e expulsos os diretores

Caracas — Os jornais "O Lusitano" e "A Voz da Madeira" que se publicavam nesta Capital foram recentemente proibidos pela Direcção de Estrangeiros e os seus directores, Gabriel Franco e Gabriel Ferreira Gouveia, respectivamente, expulsos da Venezuela.

Com efeito, ambos os jornais eram caracterizadamente fascistas, defendendo a ditadura, o que era um contrassenso num país que acaba de quebrar as grilhetas. Quem para o caso chamou a atenção das autoridades competentes foi a Associação Venezuelana de Jornalistas. O diretor de "Avoz da Madeira", dirigiu também, em tempos, um programa radiofónico salazarista, o qual fôra proibido depois de uma intervenção do Sindicato de Rádio e Televisão. Ferreira Gouveia já seguiu para Portugal pelo "Santa Maria". Era correspondente em Caracas da agência de Dutra Faria, a "ANI", assim como do SNI, além de fazer parte do Conselho da Colónia Portuguesa (fascista), sendo ainda membro da "União Nacional".

A Associação Venezuelana de Jornalistas chamou ainda a atenção das autoridades para a ação de um agente da PIDE que vive em Caracas. José António Canguero, o qual, entre outras coisas, denunciou à "gestapo" salazarista o diretor do jornal "Ecos de Portugal" que se publica em Caracas.

Em reunião que decorrem numa atmosfera de elevado patriotismo e de confiança no futuro de um Portugal livre e democrático, a Junta Patriótica agradeceu a valiosa colaboração que à causa da Democracia Portuguesa vem sendo oferecida pelo "Comité Venezolano Pro-Democracia y Libertad de Portugal".

Na mesma sessão, foram eleitas as seguintes personalidades para a direcção da Junta Patriótica Portuguesa:

Presidente: Eng. Julio Cid Costa Motta; Vice-Presidente: Major Luis C. Calafate; Secretário General e Delegado de "Comité Venezolano Pro-Democracia y Libertad de Portugal": Mario Méndez; Secretaria General: João da Costa Lopes, Eurico Pereira, Samuel Estanislau Freitas Martins; Secretariado de Organização: Secretário: Henrique de Castro, Vogais: F. Oliveira Monarte, Felipe Viegas; Secretariado de Imprensa, Rádio, Televisão: Secretário: Camilo Tavares, Vogais: João Neves, Manuel dos Santos, Fernando Jorge Margal; Secretariado de Relações Públicas: Secretário José Costa Lops, Vogais: Victor Silva, Vicente Ferreira de Castro. Secretariado de Finanças: Secretário: Antonio Marques Brandão, Tesoureiro: Antonio Gomes da Silva, Vogal: Armando Rodrigues.

URUGUAI

Um núcleo de democratas portugueses Montevideo — Os ecos da batalha anti-salazarista que do Brasil se estão espalhando pelo Mundo inteiro chegaram também ao Uruguai. Não é numerosa a "colónia" lusa neste país, mas há um punhado de portugueses que está disposto a enfileirar no movimento contra a ditadura.



A PIDE DO PORTO. Este é o sinistro edificio onde são torturados os democratas portugueses no Norte de Portugal. Pelo portão da esquerda entram as viaturas da PIDE. Nos subterrâneos estão localizadas as celas dos incomunicáveis. Os "segredos" ficam nos desvãos das escadas das duas grandes portas. Depois da capela fechada ao culto, ficam as celas coletivas. No último andar, estão instaladas as salas para interrogatórios e torturas.

este livro?". E em face da resposta enérgica do escritor, o fanático salazarista insistiu: "E ainda se considera português?".

Acreditamos que o "julgamento", se for público, redundará em autêntico processo do fascismo salazariano. A esmagadora maioria dos intelectuais portugueses apoia, é claro, Aquilino Ribeiro, e prepara-se para lhe promover uma homenagem de carácter nacional.

Ainda no campo das letras, informamos que foram apreendidas e "obrigadas a censura prévia" as publicações "Cadernos do Meio Dia" (de Faro), além de "Coordenada" e "Convívio" (ambas do Porto). Ao mesmo tempo, a revista "Tempo Presente", que se edita na Capital nortenha, insulta todos os escritores e artistas que não escodem as suas convicções democráticas. Na mesma cidade, o escritor Egito Gonçalves viu apreendidos os seus dois últimos li-

pos alguns hospitais ficaram lotados. Efectuaram-se dezenas de prisões. Deste conflito, a BBC deu, a seu tempo, pormenorizada notícia.

Quando ao destino do Bispo do Porto, que continua a ser o motivo de todas as conversas e inquietações, nada se sabe de concreto. Teria ido para o Brasil, ou para o Canadá — ou para Roma. Parece que esteve em Espanha e cre-se que foi também a França. Mas, de positivo, há apenas que lamentar a sua ausência. O nervosismo é grande. Conta-se com foros de verdade que dois agentes da PIDE o procuraram, recentemente, no Paço Episcopal, mas D. António recusou-se a recebê-los. Sem exagero, pode declarar-se que os católicos se mostram inquietos, embora esperem o regresso do seu Prelado. Diversos sacerdotes têm censurado, nas suas igrejas, o governo. A situação é tensa.

No capítulo das prisões contam-se as dos democratas Júlio Nogueira, João

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

Diretor-Responsável
Otávio Martins de Moura

CONSELHO DE REDACÇÃO
João Alves das Neves, Fernando Lemos, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria de Araújo, Fernando Correia da Silva, José Sant' Anna Motá, Paulo de Castro, Victor Ramos.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Antonio Bizarra Fonseca, Carlos Cruz, Carlos Neves, Francisco Lopes, Manuel Ferreira Moura e Santos Baleizão.

REPRESENTANTES
RIO DE JANEIRO: Eugénio da Conceição Mercês — Praça 11 de Julho, 356 — Telefone: 43-5180

FORTALEZA: dr. Carlos d'Aige - Rua Senador Pompeu 832 - Fortaleza - Ceará

PORTO ALEGRE: Luís Firmino de Vilhena - Caixa Postal 413 - Porto Alegre - Rio Grande do Sul

CANADA: Fernando Clirio da Cunha - 14, Bellevue Ave., Toronto - Ontario - Canadá

FRANÇA: Tomás Ferreira Rato - Rue Christine, Paris, 6

VENEZUELA: Dr. Jorge Silveira, Apartado Correos 3826, Candelaria - Caracas.

ARGENTINA: Jorge António - R. General Hornos n.º 1.000 - Caseros - Provincia de Buenos Aires

REDAÇÃO
Rua Conselheiro Furtado, 191 - Sala 2 - Caixa Postal 5294 - Tel.: 37-0933 - São Paulo

EXPEDIENTE:
Dias úteis: das 19 às 22 horas.
Sábados: das 15 às 18 horas.
Número avulso: 5,00 cr.
Assinatura especial: 100,00 cr.

Ano III N.º 28 Setembro de 1959
Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.